

Poética do Cotidiano

Helio Valim



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatã³ria

À Poesia.

Creio que o texto poético deve ser usado para expressar sentimentos: amor, paixão, indignação

(crítica), tristeza, alegria... Qualquer sentimento que seja sincero.

Agradecimentos

A todos!

Em especial às pessoas que leram e foram impactadas pelo clamor poético.

Sobre o autor

Alguém interessado em usar a poesia como uma crônica poética do cotidiano, com realismo e imaginação.

Possuo mais de 30 anos no magistério superior tendo lecionado em Instituições de Ensino no Rio de Janeiro. Sou mestre em Engenharia, pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior e graduado em Engenharia Civil e Arquitetura.

Tenho convicção que poesia vai muito além das amarras da gramática. Ela não é estática, se liga, religa, fortemente à Estética que analisa a percepção do que é belo!

resumo

Indignação

Sufocando

Torpor

Poética

Mitológica

Sem disparo

Sobrevivem

Via Permanente

Neologismo

Por um beijo seu...

Esporte Clube

Urbanização nua e crua

Ritmo amoral

Apenas miragem

Esmero

Quebrada

Devaneio

Revival lírico

Diorama

Em tempo

Pungente

Desídia

Almas em conchas

Brincadeiras da lembrança

Quando uma estrela é um cometa

Selenita

Encanto de verão em Praia Linda

Religiosidade mítica

Porta-retratos

Negacionismo

Caminhada

Ciclo vital

Decisão no milharal

Lamento a jusante

Dama de outro século

Ritmo selvagem

Agonia e folia

Embalos na rede

Acalento peculiar

Empáfia e hipocrisia

Orchidaceae

Embuste pra todo lado

É Arte

Flor seca

Sem rumo

Esconderijo

Cortesã rejeitada

Insubmisso arcano

A intensão do momento

Metafórica onda

João um eterno retirante

Tango na alcova

Marcos e marcas

Subúrbio da infância

Palavras, poucas!

Olhar ecumênico

Falsa malandragem

Bravateiro

Priscas eras

Enfim...

Valle Central

Nilismo na separação

Destemida esperança

Modelada no fogo da razão

Tattoo: telas humanas

Simulacro da memória

O todo torna-se vão

Célere

Na trama do destino

Teu modo de amar

Para respirar

Universo alternativo

Ilusórias inverdades

Fanatizado

In vitro

Sumo vital

Mar em movimento

Arauto dos excluídos

Raio um cavalo baio

Lente concretista

Voo do absurdo

Outro final

Modernismo no plano + alto

Naquele modorrento terraço

Caixa de repique calada

Precisamos de metáforas

Vigiados, vigiamos e consumimos

No mormaço do entardecer

Uma pausa para o café

Gaviões do oportunismo

O encontro

Asas da liberdade

Aruanã, uma tartaruga-marinha

Lago-mar

Invisíveis

Nau do absurdo

Coração na pressão

Plácido sonho

Dia das mulheres combativas

Voz da poesia

Irracional

A medida da amizade

Não fustigues os acuados

Pecar e rezar

Naufrágio da sinceridade

Alma parnasiana

Fragmentos

Guerreiros da memória

Nuvem de palavras

Temos que destoar

Berço eterno

Poetizar

Frutos das Casuarinas

Indiscreta

Jornada

Espelho do irreal

Embate no caos

O sabor do ponto final

Choveu!

Seguimos confiantes

Paixão cardíaca

Poucos entenderão

Medo racional

Emoções no rolimã

Prosélito

Adoção, para as mães do coração

Era uma vez uma praça...

Os opostos e a percepção

Ladrilho hidráulico

Sentimentos em flamas

Amoral impunidade

Chorar

Tic-tac, tic-tac...

Beija-flor (Amante infiel)

Ler o mundo

Sesmarias esquecidas

Para-raios

Tradição que tutela

Luz que alveja

Casal influencer

Sensualidade contumaz

Pecado?

Olhar Paraty

Pepitas de estrelas

Anseio em lhe ter

Marcas

Rio e ribeirão

O muro e o portão

Dor inerente

Trilhas da imaginação

Saudade do futuro viável

Solipsismo político

Insidiosa solidão

Silêncio felino

Sedução imoral

Aleluia

Melodia

Sujeição

Liberdade para contemplar

Acorde

Isolamento

Poeta Crônico

Perseverante

Por descuido

Enquanto o amor desvanece

Sacopenapã

Sem noção

Religiosidade

Fingimos não aceitar

Flor da lembrança

Dor do alheamento

Redundância

Rei desnudo

Gabriel

Por skyline natural

Bilboquê

Reflexos derretidos

O corsário e o erário

O Pastor

Anseios de um novo ano

Por puro desdém

Não basta torcer, aplique!

Na rocha fria

No chiado da chaleira

Conspiração macabra

Pios da mata

Alma ardente

Como tempestade

Transformar para viver

11:11

Relações sinestésicas

Martírio

Até a próxima batucada

Platitudes

Mulheres todos os dias

A paz no purgatório

Sinete da traição

Não é apenas um pão de ló!

Espécie visceral

Sempre haverá uma nova canção

Amigos do poder

Malandro por convicção

Semana da libertação

Descaso natural

Almas atadas

Caliente!

Xadrez venal

Humanas diferenças

Amplexo

Sonora timidez

Cacoete egoico

Xuê

Telhado de vidro

Enamorados pelo caminho

Torrente

Poeira

Ansiando por ti

Viver a saudade

O extremista

Nise

Apesar dos escombros

Pangeia de sensibilidades

Froncosa certeza

Poesia em retrato

Marchetaria política

Fim do sonhar

Predador da verdade

Opção pelo sonho

Pedaço de nostalgia

Tediosa idiosincrasia

O instante existe

Arte pura

Sobreviver à rude realidade

Denso limite

O florescer da esperança

Como ardilosas missivas

Contexto de desigualdades

Renascer da verdade

A Terra plana emborcou

Moucos da realidade

A natureza confronta

Sem ser rebuscado

Fragilidades

Olhar blasé

Nasce para a humanidade

Novo ciclo a viver

Ídolo eterno

Ventos da comoção

Estilhaços

Conhecer-nos

Perseverança indígena

Rumo ao consenso

Iemanjá das águas

Permutando a angústia

Suplantando a letargia

Carnaval de plumas

Muxarabi

Casa-grande empresarial

Indébita apropriação

Tempo real

A saudade de lembrar

Arritmia

Anoitecer

Renasce para conceder

Tese aberração

Fibras seccionadas

Apenas uma amendoeira!

O papagaio e o saxofone

Eclipse do Cometa (Rita Lee)

Decadência

Não lugar

Pelo buraco da chave

Memória rocambolesca

Partes

Rock clássico

Palavras revidam

Distorções midiáticas

Vendaval

Idílico e lúgubre

Ciclo

Partida fragmentada

Luz do irreal (Rondel)

Aperto profundo

Beijo morno

Escribas de sofismas

Anomia do nada

Arrastão do falastrão

Ao vento solar

Hábitos atrozes

Aspirar à Paz

Metamorphoseando

A civilização tenta sobreviver

Folia de verão

Limiar

Rios de canções

A dança da alma

Desejos

A jornada contínua

Escravizado de ganho

Ardor juvenil

Desígnios da paixão

Banzo: a dor de um povo

Ritualização do querer

Os pesos das vidas

Na sagrada birasca

O X da questão

Na palma da mão

Coquetel sem paixão

Eterno clamar

Cacos

Ramalhete egoico

Gaveta de placebos

Nostalgia compulsória

Venturosa verdade

Indignação

Ela surge no ápice do sofrimento,
As vezes raivosa,
As vezes suave.
Mas, sempre dolorosa.
Tão grave
que não conseguimos nos conter.
Gesticulamos,
Verbalizamos,
postamos!
Precisamos comunicar!
Na esperança de que alguém nos escute,
Que a ignorância seja superada,
Que a ciência seja considerada
E, então, algo mude...

Sufocando

Pela cor da pele...

Segrega-se, humilha-se... mata-se!
A odiosidade impele a humanidade,
joga-a, sem qualquer dúvida,
no fim da fila das iniquidades.
Mas, não é apenas uma opinião.
Não é um pensamento individual.
É uma mácula estrutural,
manchando o cerne da sociedade,
rompendo o frágil tecido social.
Sangrando, imolando... sufocando
a voz da comunidade.
Que, oprimida, revolta-se e grita,
Rebela-se e briga.
Mas, não basta o clamor legítimo das ruas,
não basta o calor intenso das chamas.
Deve-se atingir o âmago das almas,
corroídas pelo ódio do preconceito,
resgatando, então, a humanidade perdida
na fila do descaso e da arbitrariedade,
germes dessa barbárie ensandecida!

Torpor

As gotículas do degelo,
da geada da madrugada,
refletem o dia, como um apelo
ao meu despertar.

Daquela noite fria,
atormentada por sonhos e pesadelos,
desejo acordar para, então,
as razões de tal limiar encontrar!

Desvendando na alma (*atman*) a verdade eterna,
percebo-me, preso em ciclos infinitos (*samsara*),
vivendo intensa ambiguidade,
em um eterno repetir de nascimento e morte.

Nesse momento, procuro a ajuda divina (*Brahman*),
e, então, estabelecendo um ponto de libertação (*moksha*)
não sonho, apenas marco minha alma com a liberdade,
enquanto descubro um rumo, um norte...

Confuso, no torpor de acordar,
não compreendo o ensejo...
Mas, percebo que não sei se desejo
de meu desígnio (*karman*) agora me libertar...

Poética

Se podemos declamar o amor,
mesmo no instante da sua perda,
buscando uma rima para a dor...
Podemos usar a linguagem poética,
em sua mais pura cepa,
para discutir a vida e a ética...

A atemporalidade da poesia,
guarda em sua primazia,
sem dúvida, a responsabilidade
do operário da poética
com a sua preleção,
às vezes um tanto hermética.

A poesia crítica admite
a crônica mais contundente
do que na prosa do cotidiano...
Pois, o que a realidade omite,
sem deixar de ser onisciente.
A poética liberta, de forma consciente.

Mitológica

Sua boca sensual
comprimia-se num murmúrio
extremamente carnal,
que pouco a pouco excitava
a imaginação daqueles
para quem ela cantava.

Seu canto de sereia,
dama dos mares,
fundia-se aos sons do oceano,
que na branca areia
quebrava suave.

Então, silenciosamente, em súplicas,
guarda o ardente fulgor.
Mas, por Ulisses não é ouvida!
Fazendo-a esquecer a beleza da vida.
E, sem vida,
sentir a tristeza da sua solidão.

Deixando de lado o seu véu,
o céu de estrelas,
e deslizando, mansamente,
sobre as plácidas águas do luar,
perde-se no horizonte,
fundindo-se,
confundindo-se com o firmamento...

Sem disparo

O poder cítrico
da charge crítica,
está no desenho forte,
como lâmina de corte.

É arma letal,
sem porte, sem disparo,
apenas, fatal
para o risível sem preparo.

Incômoda para o autocrata.
Implacável com o déspota,
expõe sua face caricata,
com traços de pena refinada.

Tentam velar tua exposição,
por pura incompreensão.
Pois, a verdade quando exposta,
jamais será deposta!

Sobrevivem

Certos homens dizem viver.
Mas, discursos os iludem.
Então, sonham empreender.
Até imaginam poder.
Mas, no seu íntimo eles sabem...
Não vivem, apenas sobrevivem!

Lutam, todas as lutas,
pelo "pão de cada dia",
por um "lugar ao sol",
pela ilusão da utopia,
ou apenas para viver,
e até conseguem sobreviver.

Subemprego, sem emprego...
Sem escolha...
Terceirização, sem patrão...
Precarização.
É o fim da ilusão...
Sobrevivem... talvez não!

Via Permanente

O trem longuíssimo,
incansável,
no pátio á manobrar,
"rodando pra lá e pra cá",
ia puxando os vagões,
sua carga,
seus varões,
arrastando pelos trilhos da vida
a vida da carga humana.

Atravessando a malha urbana,
cortando cidades, bairros e vilas,
vai levando a esperança,
pra deixar a dor da insegurança,
que queima nos corações proletários.

Máquina de aço,
aço de homens
que fazem a estrada rodar,
comendo o cascalho da vida,
o lastro,
o trilho, a estrada,
seu repasto...

Massa de homens
fazendo a vida girar,
girando as rodas nos trilhos,
trilhando a estrada sem brilho
seguindo até o infinito,
então, perdendo no tempo, seu grito.

Homens de faces marcadas,

de "almas mal lavadas",
esperam o trem do destino,
vencidos no cruzamento da linha,
deitados sobre os dormentes
de qualquer Via Permanente...

Neologismo

Querer é viver.
Quero, logo vivo...
A minha querência!

Viver é sofrer.
Vivo, logo sofro...
A tal sofrência!
Talvez seja vivência!

Sofrer sem querer.
Sofro porque quero.
Mas, o que é sofrência?

Se a língua é viva
Logo, quero viver,
E, portanto, me permito sofrer...
Mas, por que sofrência?

Por um beijo seu...

O cheiro da manhã
impregnava o quarto,
no quarto daquela hora,
que agora
prolongava-se por incontáveis minutos.
Minutos entre sonho e realidade,
apreciando a doce felicidade
daquele instante seu...

Você suavemente distraída,
como orquídea ao vento,
solta, livre no tempo,
um sonho, naquele instante meu...

Eu quieto,
abstraido pela beleza tênue
e pela ternura que emanava
de seu corpo jovial,
não escondia
a certeza do meu amor,
transpirando em ardor,
e em intenso desejo,
por um beijo seu...

Esporte Clube

Voleibol, Futebol...

É a bola voando,
rolando nas quadras e campos.
Na memória da infância,
buscando o tempo de criança
no longínquo passatempo.

Este poema é singela dedicatória
às lembranças de outrora,
que povoam a mente,
e não mais que de repente,
caem na armadilha do dia a dia
para emergir em eloquente euforia

Sentimentos familiares
que encerram recordações
de tempos singulares.
Quando um jogo de bola
podia provocar indeléveis emoções,
até num jogador meia-sola.

Reminiscências de afetos e afagos
de tios, primos e amigos das redondezas
Jogando, brincando...
Sem preocupações ou incertezas
Enfim, com a família festejando
no Esporte Clube Valim.

Urbanização nua e crua

Cidade nua...

Cidade crua...

Muralha de pedra, tijolo, concreto,
rua, casa, edifício...

Vida difícil!

Poluição,
população,
urbanização?!

Tudo, todos se confundem,
num mar de fuligem e ferrugem!

Enfim, chega ao fim.

Desce a noite,
a cidade dorme,
sonha, pensa no amanhã...

Pobre cidade nua...

Pobre cidade crua...

Ritmo amoral

É sombra,
é sombrio
sem um pingo brio!

É sobra
de obra,
jogada no rio!

É queimada
velada,
dando arrepio!

É turba inflada
calada,
sem dar um pio!

É censura
danada,
calando o arredio!

É sombra,
é sombrio,
mas, com sangue frio!

Apenas miragem

O barco, ao largo, distante,
furtivamente, perdia-se no horizonte,
que naquele instante
encontrava-se sereno como monge.

No cais do real,
solitária, a meiga menina
procurava caminho ou sina,
percorrendo a praia do seu destino.

O barco, agora apenas miragem,
que a jovem morena
admirava com o resto da paisagem.

Esquecendo que em seu convés,
para o alto-mar, arrastou consigo,
o antigo amor, agora esquecido...

Esmero

Observo, atentamente,
aquele marceneiro,
com um único pensamento em mente:
ele trata a madeira com esmero.

O respeito que cultua
àquele pedaço de madeira,
que um dia foi frondosa Imbuia.

Usando suas ferramentas,
modela com criatividade.
Respeitando a longevidade
daquela que sobreviveu às tormentas.

Resistiu, bravamente, ao tempo.
Entretanto, tombou para o vilão mais impiedoso.
Assim, sem consentimento, tornar-se-á móvel lustroso.

Quebrada

Partida, em pedaços,
não permite aos incautos
o corte que lembra os percalços
no risco dos pés descalços.

Imagem simples
nos remete a momentos aqueles,
onde tudo parece reles.

Enquanto nada parece ser
aquilo em que você crê,
onde basta colar para não mais romper,
no entanto, emendas não deixam esquecer.

Apesar dos cacos colados da peça,
nada há que impeça,
as cicatrizes, que cismam em aparecer.

Devaneio

A manhã acordou fria,
descortinando a paisagem nívea,
repleta de reflexos prata.

Enquanto a terra grata
suava gotículas nobres,
cerzindo de modo indelével
a tenra noite passada...

No meio do bosque distante,
uma pequena choupana de madeira
derramava fumaça pela chaminé
de sua singela lareira.

O aroma doce amargo
do café caseiro torrado,
fazia com que a manhã,
entorpecida pela fragrância,
relutasse pelo primeiro gole do dia...

Enquanto a árvore próxima,
aquele secular carvalho,
transpirava em alegrias,
murmurando suave melodia
composta pelo animado respingar
de uma cristalina gota de orvalho...

Revival lírico

A brisa batia fria,
ferindo a face da densa relva,
enquanto o pequeno rio
dançava alegre,
no ritmo do som de águas,
que tombavam suaves
na cascata prateada,
reluzente,
ao luar lírico,
daquela noite em festa...

A melodia de sons e ruídos
lembrava uma louca sinfonia,
onde o maestro da ilusão
regia sua orquestra de sonhos,
absorvendo as críticas, e
o lamento da brisa revolta...

As folhas ressequidas,
contorcidas pelo fim de mais um outono,
esvoaçavam-se,
compondo com o murmurar da noite
um clima de intenso revival,
como num ritual,
onde, sem dúvida,
a dadiva final era apenas um suspiro,
um sussurro de esperança, e
alegria sem igual...

Diorama

Vivemos presos em um tempo pálido,
fragmento de triste história
onde falta glória
apesar do orgulho impávido.

O espírito humano
no decorrer deste tempo,
padece de alento,
perdido em seu ledó engano

No processo evolutivo
cobramos o que foi prometido,
sem levarmos em conta
o custo da afronta.

A evolução, sem apressa,
amparada no descaso
cobra, afinal, seu ingrato preço.
O fim daquilo que nos é mais caro.

Pagamos com a nossa liberdade
De ir, ser, estar...
Isolados na cidade.
Encalhados num diorama de insanidade!

Em tempo

Correndo, fugindo,
rompendo pela vida,
sem rumo, fingindo,
moldando faces,
sorrisos, nos lábios selados,
pelo mundo, vedados,
pela eternidade, corrompidos,
reprimidos.

Faces marcadas,
pelas chagas do preconceito,
pelo ódio do falso perfeito,
rostos perdidos,
em ira consumidos,
esquecidos pela verdade,
sofrendo na cidade,
consumidos por ela,
engolidos por sua goela.

Esqueço tudo,
procuro a calma do nada,
na pureza que contemplo.
Para, sem tempo,
lavar minha alma!

Em tempo...

Pungente

Física, espiritual, social...

De perda,
e de partida.

Presente em toda despedida.

Velada no vazio,
da intensa solidão,
que guarda dolorida,
qualquer emoção.

Aguda de supetão,
crônica, constante,
não obstante,
incessante tensão.

Muitas sinas,
mas nada a sofisma.
Nem mesmo o amor, pobre rima,
com ela não termina.

Tão pequena,
mas tão intensa,
que arde sem calor,
e queima sem pudor.

Desídia

A "preguiça de pensar"
é a pandemia do momento,
ela apresenta um sintoma severo:
a convivência com "teorias da conspiração"!

Obrigando, os distraídos, à aceitação
de qualquer "terraplanismo",
sem analisar ou questionar,
baseados, apenas, em "achismos"!

Desta forma, "caindo" em qualquer *clickbait*,
e "comprando" qualquer *fake news*,
para deleite de todos os *haters*,
que as "viralizam" sem compaixão,

Distorcendo estatísticas da verdadeira pandemia...
Um governo repleto de adversários,
com mínima empatia,
e anacronismos desnecessários.

Almas em conchas

Vivendo como almas,
dentro de conchas,
presos em bolhas,
cultuando velhos traumas.

Reclusos em seletos mundos,
percorrem longas vielas
até o seu fim em becos imundos,
romantizados em higiênicas novelas.

Miséria casualmente consumida
por de famílias de bem,
que nos fins de noite reunidas,
consomem a realidade distorcida.

Alienados por padrões exóticos,
creem que o real
é o simplesmente normal,
embalados por doces narcóticos.

Inebriados por sonhos liberais,
deleitam-se com pobres ideais,
tão ultrapassados quanto frugais
mas, felizes com a ilusão de paz.

Brincadeiras da lembrança

Bolhas de sabão
voam no anil
sobre seu sorriso
maroto e pueril.

Na cor da luz,
ao sabor do vento,
compõem um acalento
que me comove e seduz.

Brincando soltas.
lembram bolas de cristal
ou, apenas vidro,
como brincadeira de quintal.

Imagens de infância
povoam a memória suburbana,
com diversões cotidianas,
e deliciosas lembranças.

Quando uma estrela é um cometa

Tua trajetória efêmera,
como uma quimera,
ganha os palcos eternos
quando menos se espera

Fulminando almas.
Encantando-as com acordes
em troca de singelas palmas
que não impedem que te afogues.

Forte música aponta a verdade
mas, tua vigorosa interpretação
não esconde tal fragilidade,
que carregas no coração.

Embriagas-te até o espasmo,
sem suportar realidade
pulsando sem compasso
com a tua genialidade.

* Homenagem à AMY WINEHOUSE.

Selenita

Toda vez que me vejo
onde o desejo
é mais forte que o real
sinto-me sideral...

Percebo, bem de perto,
no céu aberto,
a eterna nave celestial!
Lua, que nos circunda, tal qual.

Vago perdido em devaneios,
na busca de sentidos,
embriagado, por demais, para expressar
o meu encantamento pelo luar.

Esqueço o chão que piso,
com franco sorriso
contemplo a ilusão,
então, improviso...

Declamo um poema,
clamando por órbita
que contorne meu dilema
e, finalmente, me torne fiel selenita.

Encanto de verão em Praia Linda

Em Praia Linda
encontrei você,
tão linda quanto a praia,
com o olhar perdido,
esquecido no horizonte,
que timidamente
não escondia o sol,
banhando sua pele dourada.

Com vislumbres de euforia,
disfarçava a alegria em vê-la,
serena, pura,
tão meiga,
formando com a paisagem
um quadro, uma miragem
de inigualável sutileza.

Sua singela beleza,
Impregnava minha juventude
que transpirava em emoções
junto com o pôr do sol,
com a areia branca, o sal,
e toda a natureza
naquela tarde de verão...

Religiosidade mítica

Desde sempre, até o presente,
o homem tenta esclarecer,
sem, ao menos, entender
o medo que sente
por criaturas místicas
um tanto ontológicas.

Na ilusão de se proteger
cria templos e crenças.
Cultua mitos,
ricos em imaginação,
que apelam até para a razão.
Procura resposta de qualidade,
um elo, uma ligação...
entre o misticismo e a realidade.

Templos, ritos,
dogmas, cultos...
o homem tenta aplacar sua fome,
também espiritual,
com rezas, ioga
e meditação transcendental.
Quem manda é a moda!

Da água ao azeite,
Do incenso ao açafraão,
nada escapa ao deleite
de mitos, místicos de ocasião
que manipulam suas seitas,
como se fossem receitas
para a exaltação eficaz
de semideus incapaz!

Porta-retratos

Observo fotos em profusão.
Percebo momentos congelados,
mas nem sempre preservados,
tais quais pequenas gotas de emoção.

Testemunhos de lembranças,
guardadas no limbo das reminiscências,
que afloram em nossa consciência
como imateriais heranças.

Na sala, no quarto, em destaque,
expondo cenas de família e amigos,
merecendo aplausos da melhor claque
pelos instantes intensamente vividos.

Partes de um confuso quebra-cabeça,
onde cada peça guarda a sua riqueza,
mimetizada em imagens e cores
de inesquecíveis alegrias e amores.

Edito o longo filme de uma vida.
Monto, a partir de dispersos fotogramas,
um universo de histórias comovidas,
que me rementem a romances e dramas.

Negacionismo

Personagens negacionistas
negam a verdade,
em uma antítese sem credibilidade,
tornando-se obtusos.

Tais cétricos confusos
zurram, buscando engendrar
justificativas que os ajudem
desse imbróglio escapar.

Rotos com sua lógica insana,
irascíveis em todos os debates,
confundem liberdade
com irresponsabilidade.

Imorais apoiados em falsa moral
apelam a frágeis trunfos,
esquivando-se de análise introspectiva,
pois temem encarar reais perspectivas.

Mas não importa, não intimida.
Pois no caminho surge a reposta.
Um mural, com a esperança exposta
em belo grafite da palavra vida!

Caminhada

Ando, ando, ando...

A praia continua fugindo,
correndo enquanto sigo.

Observo as ondas quebrando,
lavando a areia límpida,
carregando mar adentro
as máculas das algas ociosas
que, deixam-se levar, preguiçosas,
não negando nenhum acalento
daquela branda espuma branca.

Ando, ando, ando...

Percorro longo caminho,
piso firme na areia fofa.

Meu pé afunda,
como se a praia o devorasse,
como se a Terra me engolisse.

Distraído vivo uma metáfora,
contemplando a vida afora.

Sem descanso,
não paro, apenas, ando.

Ando, ando, ando...

Continuo andando,
sigo pelas veredas da vida,
sonhando com pérolas e contas alvas,
enquanto conto as conchas brancas,
reluzentes pontos de luz e cor,
que marcam todo o meu percorrer,
indicando meu rumo,
apurando minha jornada,
para o meu sonho, a minha última parada...

Ciclo vital

Quando nosso Eu espiritual
liberta-se do Eu carnal,
nosso espírito livre
é purificado pelo vazio envolvente
e perpétuo do espaço astral.

Enquanto o corpo físico
descansa profundamente,
a essência leve e singela
eleva-se ao firmamento,
contemplando a paz do renascimento.

Aguardando no limbo dos espectros,
pela volta à uma existência real,
serenamente, compõe com o abstrato
um quadro de inigualável
ternura angelical.

Retornando ao plano material,
esquece a ideia sobrenatural,
buscando sobrepujar sua vida mortal,
ao procurar profetizar sua sina,
e tentar superar seu destino vital.

Decisão no milharal

No continente do norte,
em um condado do sul,
no milharal encravado,
reúnem-se em dia ensolarado.

Confraternizam em churrasco
com molho, milho e melaço
e veem as eleições presidenciais
segundo suas certezas regionais.

Deliberam o destino
de uma nação
e de um mundo em desatino
com tal situação.

Mais que reacionários
são orgulhosos retrógrados
que se intitulam conservadores,
mas são apenas hipócritas.

Portando a cruz sulista
no braço tatuada
e, na mão, uma espingarda,
sempre carregada.

Rednecks decidem as eleições,
convictos do desígnio divino
que os tornam guardiões
de sua pseudodemocracia.

Lamento a jusante

Incomodados com minhas curvas
retificaram minhas margens,
canalizaram o meu leito
e tornaram as minhas águas turvas.

Enquanto corria livre no meu vale,
alternando minhas voltas,
construíram uma cidade
sobre a minha várzea
sem nenhuma piedade.

Cercearam meu bailar maroto,
interromperam meu respirar,
me empurram seu esgoto
e ainda dizem me amar.

Quando me revolto,
minhas águas eu não controlo...
Transbordo!
Portanto, qualquer chuva apertada
vira, logo, enxurrada.

Então, me xingam,
querem me aterrar,
esquecendo que um dia
em minhas águas foram nadar...

Dama de outro século

Dama de outro século,
de estirpe mais refinada,
dedicadamente educada,
cumprimentava com doce ósculo.

Sua voz sempre contida
não revelava a dama atrevida,
que em sua época, ousada,
trabalhava enquanto casada.

Em algum momento separada,
criou seus filhos com louvor,
sem abandonar sua jornada,
mas sem perder a intensidade do amor.

O tempo termina
e após longa travessia
descansa da caminhada,
muito amada por sua fidalguia.

Ritmo selvagem

O dedilhar descompassado
indica dedicação apressada.
Chorando notas de um passado
segue o operário em sua tocada.

Som de origem popular
onde o operário da rima
não resiste em improvisar,
conjugando seu ritmo com carisma.

Choro de Chiquinha Gonzaga,
republicana e abolicionista ousada,
dona de uma vida apaixonada,
considerada a maior compositora popular...

Com o cavaquinho no centro das cordas
a harmonia chora a alegria das hordas
acompanhando o descompassar dos chorões
que acelera no ritmo dos corações.

Com o Choro na alma e o Maxixe no pé...
Nas vertigens do "Corta-jaca" vou dançar.
Para Rui Barbosa, em discurso inflamado,
com "ritmos selvagens" não devo compactuar.
Como entender um poeta tão mal-humorado?

Agonia e folia

Colombinas, Pierrôs e Arlequins,
fantasias vestindo a realidade,
enuviando o coração da cidade
com um festival de amores,
um enxoval de luzes e cores...

Explosão de alegrias,
exaltação de emoções
de pessoas e intensões,
de mundos e rotinas,
na ilusão de novas vidas.

Com um sorriso brejeiro,
aproveita seu dia, a bela passista,
marcando seu passo guerreiro,
no compasso de um samba enredo,
puxado na voz rouca do jovem parceiro.

Abafados pelo murmúrio do surdo
ou pelo repenicar ligeiro
do tamborim folheiro.
gritos e sussurros reprimidos,
afloram em amores aguerridos.

Tamanha tensão e agonia
represando tanta loucura
que extravasa em extrema folia
nos quatro dias de carnaval
ou num carnaval de qualquer dia.

Embalos na rede

Rede de vibrar,
rede de fibra,
rede de balançar...
Soft power nordestino
presente em todo lugar.

Rede de se deitar,
rede de buriti,
rede de viajar...
Presente dos nativos,
só para lembrar.

Rede de brincar,
rede de algodão,
rede de amar...
Intensa sedução
em seu doce embalar.

Rede de trabalhar,
rede de seda,
rede de pescar...
Peixe é moeda
pra família alimentar.

Rede de sonhar,
rede de linho,
rede de descansar...
que o senhorzinho
usa pra decorar.

Rede de irritar,
rede de fibra,

rede de digitar...
as vezes quebra,
a gente fica sem conectar.

Acalento peculiar

Atrás daquele horizonte,
marcado pelo vermelho rosado
do fim de mais um dia,
encontrei o destino,
pelo qual a muito ansiava.

Encontrei uma paz interior,
senti minh'alma vazia,
sem ódio ou rancor,
sem medo ou pavor,
nada, nada mais me preocupava.

Sim!
Atrás daquele horizonte,
Lá no fundo da paisagem,
Lá longe, depois dos montes,
procurei e achei a passagem.

Um vale iluminado,
cortado por um pequeno regato,
que de tão límpido,
tão brilhante,
chegava a ser singular,
singelo, não secular...

A sua intensidade
marcou-me tão profundamente,
que cada segundo
perdeu-se na eternidade
daquele acalento peculiar...

Empáfia e hipocrisia

Tipo ligeiramente educado,
com ralo verniz erudito,
de trato não tão refinado,
mas de grande vaidade acometido
divulga desculpas vazias,
quando acuado e aturdido.

Repete com imponente empáfia
a sua práxis implacável,
e se desculpa de forma afável,
mas implicitamente ípia
em nada sincera ou aceitável
apenas risível.

Cronista da amoralidade
não liga para a dicotomia.
Bem e mal não diferencia
e normaliza a não-normalidade,
ironiza a ofensa e o ofendido
sem ligar para a verdade.

Sem a mínima empatia
distorce fatos com falsa miopia.
Com uma proposição conotativa
argumenta de forma fria...
Caso alguém tenha se ofendido...
Foi apenas um mal-entendido...

Orchidaceae

Natureza em forma de quadro,
modelos suaves como num retrato.
Imagem que se fez torpor.
Pura mensagem de amor.

Tamanha fragilidade
revela tua vida efêmera,
quando floresces, sutilmente,
com extrema delicadeza.

Perfume não emanas,
mas com tuas cores encantas
o desatento apaixonado,
que por tua beleza é fisgado.

Tua flor é beijo capturado,
eternamente preservado,
em cromáticas pétalas solares
que se consomem em infindáveis olhares.

Até os embriagados pelo clamor urbano,
atordoados pelo profano,
perdem a eternidade em um segundo
entorpecidos pelo teu etéreo mundo...

Embuste pra todo lado

Nosso mundo tá falido...
Tem embuste pra todo lado...

Vive-se em crise com a verdade.
São tantos farsantes falando em catarse,
criando ruídos, ofuscando a sociedade.
Impostores atordoando a serenidade.

Entrou-se em colisão com a sanidade
de modo a absorver o fim da sinceridade,
mas nem os plácidos, ainda, suportam
essa perpétua falta de razão.

Os lhanos perderam espaço
para os argutos de plantão,
que vendem pontes, aos incautos,
quem sabe até Plutão.

Oferecem estereótipos pálidos
a uma imensidão de tolos cálidos
que os consomem crédulos,
sem qualquer dúvida, nada céticos...

Nosso mundo tá falido...
Tem embuste pra todo lado...

É Arte

Arte é liberdade...

A Arte com a sua subjetividade
completa a humanidade,
recupera nosso inconformismo
e liberta a tão ilibada racionalidade.

Arte é solidariedade...

Uma nação resiliente
não desiste de seus artistas,
não humilha, nem ofende,
aqueles que são tão altruístas.

Arte é caridade...

Doam suas "calientes" almas,
em intensa dramaticidade calma,
dissimulando exuberante emoção
que extrapola qualquer razão.

Arte é criatividade...

Objetos, cores, sons, palavras e luzes.
Quadros, esculturas, palcos e partituras.
Obras sobre diversos dramas e matizes.
A Arte é a vanguarda das loucuras.

Arte é toda arte...

Flor seca

Com o olhar perdido
na imensidão do vazio,
sinto todo o amor contido
na ilusão do teu sofrer.

Embora procures fingir,
embora tentes esconder,
vejo, encoberta a verdade,
atrás dessa falsa lealdade.

Tão falsa quanto a mentira,
no entanto, tão bela.
Flor seca tão formosa
quanto a mais imponente rosa.

Hoje sinto e sofro,
as marcas, as pragas do caminho
e procurando esquecer a falta do teu afeto,
me consumo na ausência do teu carinho.

Eu sei que o tempo tudo cura.
Sei que devo esquecer,
superar essa tortura,
mas não consigo deixar de te querer.

Buscando abstrair-me dessa ruptura,
escondo-me com o manto da loucura,
tentando aplacar tamanha solidão,
que carrego no fundo do coração.

Sem rumo

Eu, só, solidão,
perdido na multidão,
que caminha sem rumo,
sem destino,
que anda, a procura da fé...

Eu, só, solidão,
sinto a brisa soprando,
vejo a rosa chorando,
a vida correndo,
sofrendo a agonia do tempo...

Eu, só, solidão,
vejo a noite,
ela desce soturna
e confirma a solidão,
a angústia da escuridão...

Eu sofri, corri,
fugi da multidão,
abandonei a confusão,
gritei, berrei,
perdi a razão, acordei...

Eu, agora, sem hora,
sinto-me só,
perdido, sentido,
sem destino, sem tino,
sem rumo, eu sumo...

Esconderijo

A pequena porta desbotada,
na fachada do sobrado decadente,
em uma cidade extenuada
esconde tesouro eminente.

Suas prateleiras empoeiradas
guardam inestimável memória,
em livros e brochuras emboloradas,
ornados com intensa glória.

Como pérolas perseguidas,
não há um bom livro que me escape
ou um grande autor que eu resista.

Sendo frequentador costumaz,
no sebo de livros me satisfaço.
No sebo de usados me sinto em paz.

Cortesã rejeitada

Celeste encantada,
tão vibrante.
Em versos, declamada.
És a divina amante.

Dos enamorados
és intensidade.
Dos poetas
a imortalidade.

És inspiração
para os delirantes
e para os incautos
confidentes.

Dedicada cortesã.
Não cansa de cortejar
tua dama pagã
em eterno bailar.

Segredos resguardas,
Cumplice dessa amada
que ainda desejas.
Apesar de tão rejeitada.

Te vestes de brilho,
para iluminar lhe as noites,
buscando alguma atenção,
que console tua paixão.

Mas essa conturbada relação,
eivada de preconceito,

torna cada mostra de sedução
um novo, eterno, tormento.

Insubmisso arcano

"La mano de Dios" se levanta
e a todos encanta.
Cria um ídolo para a nação,
mas deixa todos em comoção.

Mito eternizado
em celestiais gramados,
carrega consigo
um passado oprimido.

Vivendo queda e superação,
não se rende à opressão.
Apoiado em sua lucidez,
clama ao mundo pelos sem vez.

A miséria humana bem conhece
e, por isso, com a dor do outro padece.
Com sua imagem mostra a realidade
em maratona pela humanidade

"Adios" insubmisso arcano.

A intensão do momento

Pode parecer insignificante,
era apenas um momento,
mas tão repleto
de profundos sentimentos,
que aprisionava a lembrança
e ampliava o tempo...

Um olhar,
um sorriso sereno,
um beijo no ar,
roupas no chão,
corpos unidos,
um instante de amor...

Uma explosão
de intensas sensações,
dois corpos, carícias,
duas almas unidas,
reunidas em sentimentos
profundos, loucos, sublimes...

O momento...

Metafórica onda

Sequenciada onda...

É onda atrás de onda,
não é onda de surfar,
não é onda de calar.

Sistêmica onda...

É onda pra se isolar,
não é onda solar,
não é onda pra nadar.

Indefinida onda...

Poucos se dão conta
de sua gravidade.
Preferem a leviandade.

Insana onda...

Aos alienados afronta,
com a fria realidade
e agride sem piedade.

Convicta onda...

Não acreditam no real,
nem no impacto social,
apenas naquele que zomba.

Crédula onda...

Creem em Ilusória ruptura.
Mas não há magia pronta.
Só a ciência cura.

João um eterno retirante

O sol queimava a frente de João,
que embevecido pelo tristonho lamento,
a ladainha sofrida da típica rabeça,
dormia o sono dos séculos
em seu berço de pano,
a rede dos tempos...

Enquanto dormia,
timidamente sorria,
ocultando atrás da boca sem dentes,
o seu pobre sorriso ausente;
típico de um eterno retirante.
Um João de "barriga vazia",
um João decente,
mais um João que sofria...

Sonhando seu sonho de vida,
rezava ao "Padim Ciço"
tentando saldar sua dívida,
cobrando dos céus alguma dádiva,
sem conseguir aliviar as suas dúvidas,
dúvidas de um João sem dentes,
um "João-ninguém",
um João descrente...

Tristemente saudando a pobreza,
seguindo sua via-crúcis,
vendo seu Cristo crucificado em cada estação,
cada dia, cada quilometro sofrido
na vida de um pobre João,
carga de um "pirata", o novo pau de arara...

Tango na alcova

Envolvido em tuas brumas,
em teu apoio me satisfaço,
porque sei que me aprumas
e em teu colo encontro afago.

Paixão, pelo tempo, amornecida.
Em refinado amor transformada,
mas em nenhum momento substituída
por simples relação conformada.

Carinhos embalados no dia a dia
não revelam a intensa carícia,
reservada à milonga de maior picardia.

De fato, os sambas mais insinuates
não entregam a pura malícia,
reservada à milonga mais ardente.

Marcos e marcas

Não estaria o homem
tão oprimido,
tão apequenado,
comparado à sua obra?

Poderia sonhar a liberdade,
estando acorrentado
a seus monumentos,
seus marcos e marcas?

Essas crias magníficas
crescem, desordenadamente,
devorando o céu, a vida idílica
o homem e a sua mente.

Não há limite para a ganância,
para essa especulativa ânsia.
Não há limite para essa loucura,
que o obriga à amargura.

Sem nenhuma alternativa,
busca amenizar a existência cativa,
disfarçando suas torres de metal,
cobrindo-as com brilho artificial.

Reprimindo emoções,
nesses estranhos monumentos
de vidro, aço e ilusões,
tenta aplacar seu sofrimento.

Acreditando apagar da memória
sua miserável vida inglória,

busca fugir da realidade
perdendo-se em insanas cidades.

Subúrbio da infância

Suburbano de alma,
suburbano raiz
não escondo o que me amalgama,
nem ouço quem apenas se diz.

Lá não estou mais.
Hoje, não moro no subúrbio,
mas esquecer não sou capaz.
Das lembranças sobraram murmúrios
que relembro em paz.

Jogava bola de gude no triangulo,
soltava pipa no terreiro,
de rolimã toda ladeira descia,
e as férias eram só alegrias.

A memória não esquece
daqueles momentos de moleque,
vivendo a perda inocência,
sem qualquer consciência,
na lembrança do subúrbio da infância.

Palavras, poucas!

Poucas palavras
dizem muito.

Muitas palavras,
muitas vezes,
pouco.

Poucas palavras
expõem verdades.

Muitas palavras,
muitas vezes,
falsidades.

Poucas palavras
descrevem realidades.

Muitas palavras,
muitas vezes,
inverdades

Palavras, poucas!

Poucas palavras...

Muito significado...

Olhar ecumênico

Eterno mentor,
do universo és tutor,
olhai para este povo,
aqui na Terra,
que de novo
nada tem...

Rogai por todos,
pobres pecadores,
que nesta vida
a rede vazia
não protege,
nem a dor alivia...

Devotados pescadores,
que ao mar
lançam suas súplicas
como lamentos
ou louvores à vida
de tormentos além...

Olhai por todos,
agora, hoje,
na hora da morte,
na morte diária
desse povo sofrido,
pela vida, esquecido...

Por todo o bem...
Saravá, Shalom,
Salamaleico, Amém...

Falsa malandragem

Minha verdade é você.
Como não lhe posso ter,
preciso conter
o impulso de lhe querer.

Esse desejo devo aplacar,
mas não consigo viver
sem o seu doce olhar,
que acalenta meu querer.

Como sobreviver
sem o seu encanto,
seu swing, que não alcanço.
Então só me resta querer.

Dia sim, rezo o terço.
Dia não, pago o preço.
Pela falsa malandragem
de fingir não lhe querer.

Bravateiro

Aquele que intimida,
assedia e discrimina
merece toda a ira
daqueles que critica...

Cheio de bravatas
distribui suas derrotas,
prejudicando a todos.
Mas isso não importa!

Não assumindo seus erros,
espalha inverdades,
impondo a todos
a sua ansiedade!

Se vê como um popstar...
Todos, são servos de seu altar!
No seu palco só coadjuvantes!
Longe de lá quero estar...

Mas sua estrela é decadente
Todos anseiam pela queda iminente,
com esperança e grande auê,
para, com sorte, reparar tal fuzuê.

Priscas eras

Nem ganhador do Pulitzer
poderia antecipar,
em manchete qualquer,
tal questão peculiar:
existe algum plano
para este ano a começar?

Não!
Surge resposta rampeira...
Apenas a rotineira
subversão do senso
e o contumaz escárnio,
aos anseios de redenção
de aturdida população.

Portanto,
desejo estar em priscas eras,
de esperança sem devaneios,
sem realidades etéreas.
Com expectativas de realizações,
sem "patrulhamento" de ações
e de pensamentos alheios.

Quando planos eram pensados,
e de quando em vez realizados...

Enfim...

Doce menina,
me embala, me anima.
Adoça meu jeito
com seu aroma de jasmim.

Seu meigo sorrir,
acalenta o meu dormir.
Me faz sonhar com seu jeito,
com sua boca carmim.

Sua voz me encanta,
enquanto canta,
me faz lembrar do seu jeito,
com sua voz de querubim.

Sua sedutora jovialidade
relembra minha maturidade.
Me faz desejar o seu jeito,
com seu quê de quindim.

Enfim...
Sua alma feminina,
me seduz, me fascina.
Reluz na minha vida
com seu carisma sem fim.

Valle Central

As venezianas da rústica janela,
escancaradas, sem tramela.
Sem pudor, entregavam-se ao dia,
límpido como parte de uma melodia.

Derramando-se no parapeito
flores róseas daquela estação,
outono, ou quem sabe fim do verão.
Copihues ornavam vasos perfeitos.

O lago de Yeso, como prata,
refletia em suas águas plácidas
o dorso de impetuosa messalina,
a dissoluta cordilheira andina.

Gélida barreira cristalina,
derretendo-se em rios ligeiros,
inunda vales e dissemina
a alma de Dionísio e seus devaneios.

O intenso bouquet dos frutos
aflora nas vinhas desses vales,
onde cálices de sublime néctar,
encantam deuses fazendo-os cantar.

Cachos de emoções imorais,
nos terrois dos vales centrais:
Maipo, Rapel, Curicó e Maule,
explodem em vinhos ancestrais.

Niilismo na separação

Amante lhe cativa,
implora pela sua volta,
mas você, niilista, não liga,
não acredita ou se importa.

Sentimentos reprimidos
explodem e, em vão, redimem
esse acúmulo de sofrimentos,
continuamente constrangidos.

Sorrateiros, corrompidos
agridem carentes corações
que se expõem para serem feridos
por dolorosas desilusões.

Sem despertar a ira dos preteridos,
choram em desespero, os mais arredios,
inconformados com tal condição.
Pois, não aceitam tão rude separação.

Destemida esperança

Quem crê como possível,
realiza aquilo que deseja,
confia como coisa crível
sua fé... Qualquer que seja.

Virtudes como a esperança,
a sinceridade e a caridade,
são, para a vida, âncoras,
lastreando a verdade.

Quem crê com folego excepcional,
alcança resultados irrestritos
nos momentos da vida pessoal,
ancorados em sentimentos positivos.

Viver em esperança
requer doses de perseverança,
não acreditando no impossível
mesmo quando encarando o inevitável.

Portanto, quem crê com temperança
na reciprocidade da vida,
sua realidade aviva
com destemida esperança.

Modelada no fogo da razão

Na forja dos indivíduos,
moldando o aço da vida,
são criados padrões
como marcas do destino.

Lingotes moldados
no damasco das dúvidas,
aguardam a têmpera
na lâmina do saber.

Fio, com afinco, amolado
pelo mestre couteleiro
que corta incertezas, certo,
com seu conhecimento afiado.

Na bainha da compreensão
guarda o que foi insciência,
agora, como consciência
modelada no fogo da razão.

Tattoo: telas humanas

Marca reservada
a cativos de antanho...

Hoje telas cárneas
aguardam ávidas,
em plácida espera,
oportunidade de ver estampar
esboço sobre insubstituível papiro,
de indelével signo a marcar.

Tingindo de forma incrédula,
mensagens e imagens perpétuas,
em refinada seda,
sugerem e fazem surgir
filigranas, tribais, memórias...
Até épicas histórias...

Dragões colossais
singram sobre dorsos,
rasgando cadeias de nervos
em nervosos espasmos,
riscando nos espaços
entre feixes e traços.

Esses riscos, para deleite
de congêneres cavaletes,
são modificações corporais
que repelem expiações amorais,
transformando-as em redenção,
através de mortificações imortais.

Simulacro da memória

Momento seletto,
na retina gravado,
no clique, no foco dileto,
do diafragma eternizado.

Fúlgido reflexo retido...

Recebendo a luz d'alma
de fonte no tempo congelada.
Retrato desenhado com calma,
sutil filigrana delicada.

Sensibilidade de arte dedicada...

Tingindo imagens por inteiro,
com pinceladas de cor,
iluminadas com intenso fulgor
pelo brilho de um flash ligeiro.

Cores pujantes de farta paleta...

Grande-angular ajustada,
ampliando o espaço,
religando imagem e tempo
em cada posição almejada.

Da memória é simulacro,
pois só perdura o que foi registrado...

O todo torna-se vão

Ao viver em sociedade,
na busca de uma salvaguarda
para a existência ameaçada,
inventamos a humanidade.

Com regras tentamos sobreviver,
Buscamos convívio e relacionamento
visando as ameaças deter...
Recalcitrantes, optamos pelo coletivo...

Perdemos a noção do destino,
nos afastamos do nosso desígnio.
Hoje, vivemos o individualismo...

Esquecemos a força do todo,
irascíveis, optamos pela divisão,
onde o todo torna-se vão.

Célere

Viver exige presteza.
Não há tempo renovado,
pois a vida não pondera
apenas cobra o seu legado.

Para o desdenho não há espaço,
pois estimula demagogia,
alheia, fora do compasso,
sem espaço para sinergia.

Ao caminhar céleres,
perseguido o tempo,
arcamos com a urgência
suplicando-lhe clemência.

O tempo, nobre insumo,
ofertado gracioso
não deve ser desperdiçado,
pois é tão vital quanto precioso.

Na trama do destino

Arte em forma de drama,
tecida em algodão ou juta,
mapa do darma
que a vida nos imputa.

Onde cada nó é um encontro
que sustenta relações,
ata ou desata sentimentos
e estimula seduções.

Na trama do destino
o próximo nó é um novo arbítrio
de inusitado desígnio.

Macramê bem apressado
trançado com sofreguidão,
embora bastasse o ritmo do coração.

Teu modo de amar

Teu olhar me seduz
a mergulhar em tua íris,
fruindo em teu oceano
enquanto te amo.

Eu, ser amante, me encontro
envolto em teu instante,
mas atordoado me perco
em teu universo errante.

Esse amor, inconsequente,
envolve coração e mente
em brumas vespertinas
a ofuscar nossas retinas.

Nessa entrega completa
o amor sem limites
não admite convites
nem para andar de bicicleta.

Mas a impressão de te perder
é tão imprecisa e errática
quanto a chance de te conter,
pois, no amor, és pragmática.

És harpia livre a voar.
És sereia a encantar.
Escolhes teu céu, teu mar
e teu modo de amar...

Para respirar

Pessoas sufocadas,
sem ar para respirar,
arfam ansiosas
por graças que as façam lutar.

Morbidamente seguem
insanos mentores,
que as conduzem
ao imo de seus temores.

O que sobra de oportunismo
a esses menestréis do cinismo
falta em sentimento
para ouvir seus choros e lamentos.

Iludidos, ímpios da verdade,
já não conseguem perceber
a mais dura realidade
e vivem apenas para crer.

Creem na imortalidade,
cultuam mandingas e placebos.
Enquanto asfixiam em inverdades
veneram salvadores nocebos.

Universo alternativo

Ao viver alternativamente
devemos liberar nossa mente,
permitindo que a contradição
tenha espaço e opinião.

A voz liberta do diverso
deve permear tal universo,
garantindo a integridade
de tão desejada unidade.

Verso e anverso unidos,
opostos finalmente atraídos,
incensados em harmonia.

Lei difícil de compactuar,
"mas se eu quero e você quer,
então vá!" Deixa voar. (Viva Raul)

Ilusórias inverdades

Asclépio, filho de Apolo e Corônis
dominava a arte da manipulação
de ervas medicinais e cirurgias,
atendendo a qualquer oblação.

Suas filhas, deusas, também curavam.
Panaceia para os males tinha a solução,
e Higeia buscava preservar todos sãos.
Garantindo, assim, a humana devoção.

Indignamente, revive-se o passado grego.
Solenemente, ignora-se a ciência.
Devotamente, crê-se em asclepiades,
sacerdotes-médicos de Asclépio.

Busca-se a Panaceia para os dramas,
perde-se a noção do real panorama,
apela-se à Higeia e a outros mitos
como se resolvesse ser apenas conscrito.

Assim, relega-se a ética de Hipócrates,
pensador grego, médico e intelectual,
e os princípios medicina ocidental,
ao descaso, imerso em ilusórias inverdades.

Fanatizado

Não combina...

Determina.

Não discute...

Repercuta.

Do mundo racional
mantém-se alienado.

Não ouve...

Fala.

Não pergunta...

Reponde.

Das relações sociais
mantém-se afastado.

Não propõe...

Impõe.

Não pondera...

Atropela.

Do nexo democrático
mantém-se apartado.

Não espera...

Impera.

Não analisa...

Minimiza.

Vive sua realidade paralela
na tutela de um mito desatinado...

In vitro

Vida, escultura delicada
em vidro fino moldada,
esculpida e soprada
por mestre vidreiro.

Tempo, grãos de areia
fundidos em vidro
flexível enquanto quente
sensível quando frio.

Frágil aos impactos
quebra-se em cacos,
parte-se aos pedaços
em fragmentos do todo.

Mas cada pedaço
guarda, no interespaço,
o fluido seminal
do projeto original.

Eternidade encapsulada,
em gotas vitais, in vitro,
pedaços de história
preservados na nossa memória.

Sumo vital

A Natureza mantém a estabilidade,
conectando seus elementos.
Fazendo-os capilarmente interligados,
garantindo, assim, sua continuidade...

Tal fluxo intenso desperta,
religa os indivíduos em ação,
que através de redes conecta
o ambiente à uma revolução.

Elos de intensa sustentação
entrelaçados por divina conexão,
continuamente, regados
através de perene adução...

A seiva flui provecta,
como sumo vital que preserva
a inabalável relação parental,
que une os seres desse mundo natural...

Mar em movimento

Tudo se move:
as ondas, o vento,
a emoção que comove,
mesmo sem consentimento.

Cada protesto que ocorre,
compõe um tormento,
a evoluir pela via que percorre.
Verdadeira procissão de reavivamento.

Tal onda de acolhimento,
invade as avenidas da urbe,
e sem que algo a perturbe,
leva a turba em seu seguimento.

Nesse grande lamento,
evolui o séquito de oprimidos.
Mas, sendo militantes aguerridos
reagem como o mar em movimento...

Arauto dos excluídos

Para libertar as mentes
açoitadas pela desinformação,
tornar-se vital democratizar,
aos descrentes, a educação.

Educação não é retórica.
É ação crítica e libertadora
que propõe aos oprimidos
a sua liberdade transformadora.

Surge o arauto do grito dos excluídos,
educador grandiloquente,
que concebeu a pedagogia redentora
usada para abrir as mentes.

Nessa pedagogia os oprimidos devem ser
seus próprios exemplos, a descrever
na luta pela redenção,
o caminho para a superação.

Pois, para serem ouvidos,
gritam por pedagogia libertadora
que rompa os grilhões
desse arranjo de exploração opressora.

Cem anos de Paulo Freire, para lembrar.
Eterno mentor da escola cidadã e popular,
seu instrumento de democratização,
de conscientização e de prazer em educar.

Raio um cavalo baio

Cavalgando belo baio
vociferando a vida
que, em minuto,
passa como raio...

Entoo meu grito,
me comunico
repleto de fé,
sorvendo meu café...

Sacio apetite voraz,
por momentos de paz,
que a todos devora
em perdidos lamentos...

Que suavemente escorrem
em goles pela goela,
como saltar a tramela,
e o muro que à vida tutela...

Saltando meu Raio,
Puro-sangue baio,
selando sonhos,
sonhando raios...

Lente concretista

A sombra revela
uma imagem sobreposta,
imposta na tela.
Do artista, é a sua aposta...

Preto e branco desconstruídos.
Cinzas enfatizando o efêmero
capturando fragmentos de tempo,
na forma de conceitos aturdidos.

Reverberando contrastes,
nuances dos elementos
que constituem partes
de um todo de sentimentos.

Profanando a integridade,
em desestruturado mural,
questiona a falta de liberdade,
e até a própria arte conceitual.

Voo do absurdo

Liberdade...

Voo do absurdo,
desenterrando as raízes,
que nos ancoram à realidade.

Liberando a vida,
rompendo com o "todo dia"
de uma vida insana,
vivida toda semana.

Liberdade...

Voo livre, em cumplicidade,
como dos pássaros,
aos pares, soltos no espaço.

Sonhando com a emoção
de tão ansiada liberdade,
mas vivendo, sem ilusão,
a própria humanidade.

Outro final

Uma casinha à beira-mar.
Casinha é "maneira de falar",
na verdade, ela preserva
a história que vou contar.

Nela morava um jovem casal.
Enamorados desde criança,
viviam de forma natural
o seu amor imortal.

Certo dia, o mar bravio
propôs um desafio.
Salvar de seu destino
um andarilho peregrino.

O jovem nada em auxílio
e salva o andarilho,
mas o mar indignado
cobra o seu legado.

A jovem chora, lamenta...
Inconsolável aguarda
que o mar ouça seu lamento
e devolva o amado sem sofrimento.

Mas não aceito esse final.
A história é minha afinal...
O jovem salva o quase afogado
de seu destino traçado...

Com eterna gratidão
ganha um amigo e guardião

a proteger sua família,
com a coagem da afeição.

Modernismo no plano + alto

Curvas femininas
sobre plácidos espelhos,
refletem a harmonia
da Arquitetura Moderna
no correr de todo dia.

Eterno dilema de opção.
Valorizar forma ou função.
Talvez as duas...
Um pouco de razão
não desconstrói a emoção.

Traços em singela economia
ligam curvas e retas em sintonia,
suavizando o concreto
e toda a sua monotonia,
com um mínimo de alegorias.

Réstias de luz e sombras
modelam esculturas singulares,
compondo com as edificações
espaços urbanos modulares,
planejados como as asas de aviões.

Marco no centro do planalto,
marca ícone do Modernismo,
no cruzamento de linhas
onde a política fala mais alto
e o eixo do poder se desalinha.

Naquele modorrento terraço

No anoitecer de suado verão,
sentado em modorrento terraço,
ouvindo música, no compasso
dos acordes, de solitário violão.

Observo, resignado,
o brilho pelo luar evocado,
repleto das lembranças
de esquecidas andanças.

Começa a chover em vão,
enquanto a lua sorri grata,
refletindo gotas de prata
revelando tão pura emoção.

A chuva molha o chão,
de pedras, daquele espaço
refletindo, no luar, o abraço
dos enamorados em paixão.

Entre sonolentos goles da canção,
sorvendo o gosto amargo
de um conhaque encorpado,
percebo-me envolto em solidão.

Deixo-me levar pela letargia
do instante presente
e aguardo, solenemente,
a chegada de um novo dia.

Caixa de repique calada

Sem confete e serpentina
o carnaval não reanima,
tal qual Pierrô,
sem sua Colombina...

Nem pintou na paisagem
o bloco da esperança.
Com muita perseverança
passou, apenas, como miragem.

Com a caixa de repique calada
o surdo chorou pelo absurdo
de não ouvir a batucada
de nenhum bloco de sujo.

A avenida ficou silenciosa e baldia,
sem o som da bateria,
sem o desfile da alegoria.
Apenas se ouviu o murmúrio da agonia...

Triste festa de entrudo
onde a alegria deu lugar ao luto,
onde a folia e a picardia
não afugentaram a pandemia.

Precisamos de metáforas

Observo pela janela do meu olhar perdido
a marola da cidade à beira-mar
onde o cotidiano se desenrola desmedido
e seres urbanos não parecem amar.

Entre florestas, córregos, morros e o mar
derrama-se impiedosa mancha urbana,
aterrando águas e matas sob obstinado luar,
devastando biomas de forma vil e profana.

A dor e o sofrimento da cidade torturada
parecem hipérboles, mas são literais,
presentes em sua rotina transtornada,
pelo cotidiano de urbanoides amorais.

Precisamos de metáforas, aves livres a voar...
Sem elas não há janela para o perdido olhar,
não há rosto para sorrir ou luar para amar...
Apenas, literais, espaços a sufocar.

Vigiados, vigiamos e consumimos

Vigiados, vivemos nossas vidas,
sendo, obviamente, consumidos
e, sem perceber, consumimos
o que impõe quem nos vigia.

"Big Other" controla e convida
à cultura da vigilância
estimulando com afinco
o consumo sem relevância.

Somos vigiados e classificados,
reconhecidos por face e voz.
Submissos entregamos calados
vida e dados ao nosso algoz.

Tecnologias subvertidas capitulam
e agora, programadas para vigiar,
nos reconhecem fantoches, rotulam
e dizem como e onde comprar.

Sob o pretexto da confiabilidade,
relações humanas são descartadas,
substituídas pela impessoalidade
de virtuais "algoritmos de Big Data".

No mormaço do entardecer

A chuva banhava, ao entardecer,
mais um dia de intenso verão.
Parecia querer amortecer
o denso calor daquela estação.

A água fria lavava e escorria,
levando a poeira do tempo
acumulada na cumeeira
de qualquer telhado sem beira.

Na casa simples, o telhado de madeira,
sem laje, era só goteira...
Pingando, molhando, transbordando...
Memórias, em ondas, se afogando.

A chuva passa, o mormaço abraça,
a tarde calada que sofre encharcada.
Tentando enxugar as perdas contadas
sobra a esperança, agora, desabrigada.

Esperança quase solitária
afaga, enquanto abriga solidária,
o desalentado que busca entender:
por que no mormaço do entardecer?

Uma pausa para o café

Coado em coador de pano,
servido em bule da ágata,
sorvido sem o correr insano
no viver de uma vida pacata.

O ritmo que flui com o cheiro
do café torrado e moído,
no tempo certo curtido,
guarda leve amargor brejeiro.

Memórias excitadas pelo olfato
evocam épocas de outrora,
atenuando a urgência do agora
presente nestes tempos de impacto.

Da correria do café expresso
quero a morosidade do café coado.
Mas, sem relutar, eu confesso
qualquer café aprecio empolgado.

Gaviões do oportunismo

Sentado no alpendre,
deixei vagar meu olhar,
absorto pelas nuvens,
até perceber tenso voar.

Um jovem gavião fitava,
a distância, a sua caça.
Aguçado pelos instintos,
seu objetivo ele espreitava.

Em voo rasante, certo,
tornou derradeiro o lamento,
d'angola que, sem alento,
ciscava fora do galinheiro...

Lição brutal que leva à reflexão:
fora do contexto natural,
sem preparo ou experiência,
expõe-se ao risco a sobrevivência.

A ignorância cria um falso escudo
de convicção sobre quase tudo,
expondo a verdade aos achismos
de gaviões do oportunismo.

O encontro

No vaivém de todo dia,
nos encontramos,
eu, você e sua tia.
Eu, sem jeito,
escondi o mau jeito,
enquanto você,
toda singela em flor,
marotamente sorria...

No vaivém de todo dia,
meu coração apaixonado,
apelando para a fantasia,
sonha, com o calor do seu beijo,
enquanto meu peito, minha boca,
todo meu corpo, só desejo,
não se contêm em euforia.

No vaivém de todo dia,
todo minuto perdido,
sem você a meu lado,
dói em meu coração calado,
que relembra a sua voz
no som de cada melodia.

No vaivém de todo dia,
nos encontramos,
eu e você,
sozinhos,
sem sua tia...

Asas da liberdade

Por ser uma beleza Andaluz,
alada, com as asas da noite,
voa veloz como a luz,
vencendo as barreiras do trote.

Que a todo instante induz
contra sua vitória, seu mote.
Por ser uma beleza Andaluz,
alada, com as asas da noite.

Cerceada, sua crina reluz,
roubando a glória da morte
com a certeza que lhe conduz,
pois o piquete é seu norte.
Por ser uma beleza Andaluz...

Aruanã, uma tartaruga-marinha

Longeva enquanto permitirem,
vivo a calma e a tranquilidade
que me contempla a dignidade
de uma existência sem desdém.

Bailar com grande destreza
não minimiza o mar de incerteza
e a insegurança de um ataque vil
seja por plástico, "nylon" ou vinil...

Por instinto, consumo tal material,
crendo ser meu alimento natural,
para meu lamento e sofrimento.

Sem proselitismo, parem de sujar,
de poluir, de jogar esse lixo no mar
ou, então, serei apenas esquecimento!

Lago-mar

Momento perfeito,
maré baixa, lago na praia.
Na água tal qual espelho
a brincadeira se espraia.

A criançada agora liberada,
diverte-se na água parada,
sem ondas, rasa, sem receios
apronta artes e folgedos.

Tão inocente algazarra
libera antigas amarras
de lembranças esquecidas.

Afrouxar nossas memórias
permite recuperar histórias
de amizades, há tempos, perdidas.

Invisíveis

Cresce afoita a imensa cidade,
se movimenta com ansiedade,
pois, ruas, avenidas e viadutos
não podem parar um minuto.

A expansão de sua área urbana
atropela sentidos de urbanidade,
devorando, com intensa voracidade,
o que resta da humana qualidade.

Como Leviatã, com seus tentáculos
envolve e estrangula a compaixão,
deixando seu povo sem percepção,
tratando pessoas como obstáculos.

Cidadãos "invisibilizados", silenciados,
sobrevivem nos espaços alternativos,
que a cidade ambiciosa esqueceu,
mas, implacável, reivindica como seus.

Pelejadores por despercebidos hiatos,
moradores sem destino, teto ou tino,
fazem deles, suas moradas de fato.
Apesar de jamais notados, resistem.

Nau do absurdo

A nau malconduzida
singra errática, os mares
da verdade perdida
sob desvairados olhares.

Nesse oceano de enganos,
atingida por "iceberg" previsto,
naufragará coberta de prantos.
Tudo a olhos vistos...

O capitão insiste em rumar,
sem um norte a buscar,
no sentido do caos total
Ignorando o destino fatal.

A guarnição entorpecida
pela verve enlouquecida
de tal insano, deixa-se guiar,
à mercê, até a borda do mar.

No fim dessa lunática jornada
encontrará verdades impensadas:
a Terra, incrivelmente, não é plana
e a tripulação precisa ser imunizada!

Coração na pressão

Somente você
me faz louco...
Deixa meu coração
em sufoco,
pronto para ceder.

Descompassado
bate em meu peito,
sem respeito
grita acelerado,
na pressão por lhe ter.

Fluindo o néctar vital,
por arterial sistema,
ainda se acha o tal,
mas não resiste ao dilema,
por você ter que sofrer.

Após consentimento,
agora mais regulado,
por ter sido aprovado,
controla os batimentos
e finge não lhe querer.

Plácido sonho

O sonho é rio plácido,
adormecido em seu leito
até a foz do esquecimento
de memórias e lamentos.

Nas águas turbulentas
do mar das lembranças,
deságua, caudaloso,
em busca de esperanças.

Faz do pensamento corrente,
guia para águas da sensatez,
onde pesadelos são afluentes,
indesejáveis, porém, inerentes.

Nas ilhas das boas memórias
o sonho, agora, onda cordata
quebra em sonolenta praia,
acordando para a vida abstrata.

Dia das mulheres combativas

Operárias revoltadas,
socialistas organizadas,
nas fábricas de tecidos
reivindicam seus direitos
justos, sem favoritos.

Operárias mortas,
presas em incêndio,
choram as costureiras,
não é um devaneio
apenas descaso alheio.

Operárias em greve,
estopim de uma revolução
por condições de trabalho,
contra um regime velho
revoltam uma nação.

Operárias do dia a dia,
gritam pelo justo salário,
brigam por única jornada,
não dupla ou tripla
e tentam ser respeitadas.

Mais que identitária
representa a luta por direitos,
a luta de classes, que ocorreu,
pois, quem brigou e morreu
foi a mulher operária.

Feridas e mortes reconhecidas,
sendo tal data representativa

das vitórias conquistadas,
pelo tempo, consagradas
a todas as mulheres combativas.

Voz da poesia

A voz rouca da poesia
cobra que os ímpios,
não rujam leoninos,
olhem para os princípios
e sejam, apenas, comedidos.

Aceitem a força dos versos,
abandonem brados infames
pelas palavras, pepitas lavradas
nos córregos frasais errantes
e participem desses universos.

Fantasia construída de poesia
sustentam ideias complexas,
com a força da corda na polia
que transferem, perplexas,
densas cargas de pura euforia.

Apesar de a voz quase silenciar,
ouçam, nas estrofes, a poesia
que, no todo dia, sustenta o ar
com a densidade da rebeldia,
fazendo todo rugido calar.

Irracional

Perco-me em minha loucura,
totalmente envolvido
com emoções e desatinos,
Sem controle,
não sei se opino
no rumo que quero tomar.
Deixo-me levar sem destino,
pois, só a loucura é meu caminho
onde me perco e me acho,
se você quer me guiar, com seu jeito
moralista de ser... Não me guie...
Se você crê que pode me ajudar,
pensando em me cuidar... Não me ajude...
Mas, se você deseja me curar... Me esqueça...
Se é para você me conhecer... Me entenda...
Se você julga que não mereço sua fé... Não ore...
Só lhe peço, quando de mim se esquecer... Não me ignore...

A medida da amizade

Amizade não se mede
como espaço ou tempo,
mas pelo prazer do encontro
da alegria de estar com o outro.

A distância que separa
é aquela que aproxima.
Pela saudade da estima
não sobra culpa ou aparas.

Com os pontos de conflitos
na lembrança dos esquecidos,
sem areia ou grande alarido,
sem a paz de um estampido.

Apenas a robusta saudade,
agora frondosa pela idade,
permanece como verdade
a ligar os bons momentos.

Assim como em uma canção,
o som do silêncio é oração
que desperta a saudade
e cativa a verdadeira amizade.

Não fustigues os acuados

Não humilhes o humilde.
Não perturbes o manso.
Não provoques o pacífico.
Não cações do desatinado.

Lembre-te dos limites.
Aqueles que nada têm,
nada têm a perder
portanto, não os intimides.

Provocar brios adormecidos,
é como fustigar fera ferida
que acuada, com ira, revida.

Acossados, cétricos recuperam
as almas latentes e instigam
a revolta dos oprimidos.

Pecar e rezar

O fruto colhido do pé,
com golpe certo,
abre-se por inteiro,
exalando seu aroma de fé.

Sua polpa, em louvor,
espraia aroma adocicado
para o paladar mais apurado,
para além do "umami" sabor.

A semente da polpa é sacada,
seca, em ladainha sagrada,
nos terreiros sem umidade,
buscando-se a tenra densidade.

Agora, com as sementes curadas,
as amêndoas são ensacadas
e percorrem longo itinerário
até o momento do seu ofertório.

Limpas, descascadas e torradas.
Agora, manteiga, pó e licor,
em louvor, são consagradas
com leite e açúcar a compor.

Temperado e moldado,
surge um doce sem par,
o chocolate, seu pecado,
para comer e rezar.

Naufrágio da sinceridade

No mar, tempestuosa tempestade,
no rio, bravios raios e trovões...
Na disputa por suas convicções,
o vale-tudo supera tal intensidade.

Falácias, falsas verdades...
Tudo vale no vale Tudo.
Nesse vale, o rio Lealdade
reprime-se represado.

Contido, calado, em seu lago,
por barragem de iniquidades,
acumula a lama dos atolados,
afogados em inverdades.

A embarcação Sinceridade,
sem calado, não navega,
atola no raso rio Lealdade.
Sem amarras apenas aderna.

Em tempestuosa tempestade
a nau adernada, tende a naufragar
no leito do rio, longe do mar,
distante da foz, sem pelejar.

Alma parnasiana

Vos direi que sou parnasiano.
Ora direis, perdeste o senso!
Então, vos direi, no entanto,
que debes conter vosso espanto.

Se, à noite, com estrelas converso,
não há dúvidas sobre meu verso.
Meu estilo preservo, com objetividade,
mas não dispenso sensibilidades.

Direis agora: mas isto é Parnasianismo?
Então, vos direi: tenho alma parnasiana,
mas minha crítica é cotidiana.

Vos direi mais: prezo a construção formal
e o preciosismo vernacular tradicional.
No entanto, cultuo, de fato, a crítica social.

Fragmentos

No amanhecer azul...
Alvorece a harmonia
com uma bela sinfonia.

No céu azul...
Goteja o rio melodia
no café do novo dia.

No entardecer carmim...
O sol desce do alto,
depois do salto.

No horizonte carmim...
O sol aquece e ilumina
o mar, o céu e até a rima.

No anoitecer cinza...
O sol no fim, de fato,
no seu último ato.

Na sombra cinza...
O sonho leva consigo
todo o nosso castigo.

Imagens afloram em mim,
fragmentos de um dia afim,
marcas ocultas no inconsciente
de minha alma vã e descrente,
à procura por paz premente.

Guerreiros da memória

Preservam a história,
para resguardar a vida,
aprisionando-a em relicários
de heroicas memórias,
em eterna luta inglória.

Pesquisam, guerreiros,
histórias de aventureiros,
suas roupas, armas e adereços.
Congelam lembranças,
encapsulando erros e acertos.

Escavam tesouros em arcas
e arcam com fatos e datas,
persequindo o tempo passado,
vivendo a linha do tempo,
buscando o instante mais ousado.

Tombam antigos espaços
eclesiásticos e ateus,
do nobre e, também, do plebeu.
O que importa é conservar
a história narrada em cada lugar.

Lutam contra o ocaso, de ocasião,
de passado de glórias, ou não,
com perseverança de armadura,
que abandonada ao descaso,
resiste, sem perder a envergadura.

Nuvem de palavras

Quando me percebes
em voos muito baixos,
sou apenas bruma.
Mas, envolto em meu ser
tenho prazer em te perder.

Quando sou Cunulo
sou Nimbus, sou forte.
Com medo do meu porte
não queres o meu acumulo.
Não que isso me importe...

Quando preciso chorar,
a derramar minhas lágrimas,
queres um choro de prazer
que não te atormentes e,
sem tormenta, te deixes viver.

Quando sou tormenta
choras, rogas pelo meu fim,
pois, apenas, não aguentas
tamanha força que carrego,
como verdade, em mim.

Tão vigorosa intensidade
expõe, clara, a fraqueza
da tua frágil humanidade,
pois, com temor, apavora-te
com a minha franca natureza.

Temos que destoar

Rinocerontes, seres teimosos,
provocados ou não, sem razão,
passam de tranquilos a agressivos.
Isolados, não buscam a união.

Na cidade de Ionesco, habitantes
transformam-se em rinocerontes
e isso é normalizado por todos,
apenas uma voz destoa-se no caos.

Como em "O rinoceronte" de Ionesco
inconsequentes vivemos e, passivamente,
aceitamos tal manada de incompetentes.

Governo de rinocerontes, sem noção,
caquistocracia apoderando-se da nação.
Não podemos nos calar, temos que destoar.

Berço eterno

A vida beija o humano,
com o sopro de vida.
Subitamente ao nascer,
acorda e anseia por viver,
sem perceber o seu engano.

Mas, logo que é capaz,
sente o sentido da vida
e nasce chorando,
contra tudo reclamando,
a procura de alguma paz.

Sofrendo sensível temor,
ao contemplar o exterior
expulso, sem piedade
do seu ninho materno,
o útero, seu berço eterno.

Lutando contra o minuto,
sugando a eternidade
no seio da humanidade,
sem conseguir escapar
ele sobrevive à verdade.

Abraçando o mundo
com suas ideias futuras,
até agora, tão imaturas,
confirma sua dificuldade,
em sobreviver à maturidade.

Poetizar

Sim, nossas palavras são verdades
precisas e certeiras, sem hipocrisia.
Nossos poemas são embates,
Pois, nosso palanque é a poesia.

Não renunciamos à lealdade,
apesar da falsidade em demasia.
Sim, nossas palavras são verdades
precisas e certeiras, sem hipocrisia.

Poetizar é um grito de liberdade,
garantindo sempre a primazia
da nossa luta pela igualdade,
produzindo versos de pura ideologia.
Sim, nossas palavras são verdades.

Frutos das Casuarinas

A inspiração nos convida,
de modo tão aleatório,
ao encontro com a poesia
que pelo prazer de escrever
comove o poeta mais notório.

Trovas de lembranças bronzeadas
de praias em férias passadas,
das chuvas fortes da estação,
do vento modorrento de verão
a rodopiar as folhas no chão.

Folhas de árvores esbeltas,
cujos troncos longilíneos
curvam-se em balé sensual
ao intempestivo vendaval
daquele entardecer estival.

As folhas lembram escamas,
os frutos são pequenas pinhas,
exóticas, porém naturalizadas.
Na poesia de memórias curtidas,
procuro rimas para Casuarinas!

Indiscreta

Olho pela janela,
janelas me olham.
Imagino, o que pensam.

O que tentam dizer,
seus desejos e súplicas,
entreabertas ou fechadas.

O que têm a esconder
por trás de cortinas,
as crises reprimidas?

O tentam mostrar
por trás do reflexo do vidro,
o casamento perdido?

O que querem esquecer
por trás do vidro fumê,
a agressão descabida?

O que suplicam compartilhar
por trás das venezianas,
a solidão espartana?

O que desejam apurar
por trás de indiscretas janelas
além de sentimentos e mazelas?

"Suspense" e súplicas no ar,
pelas janelas da curiosidade
a irresistível intimidade no olhar.

Jornada

Densa mata intensa,
incontáveis seres
habitam-na, sensíveis
aos desígnios divinos.

Convictos e invictos
certos de seus destinos,
entre raios e trovões,
seguem com suas opções.

Mata que concebe,
percebe e persevera,
impõe marcha severa
aos súditos que gera.

Corrompe, mas, cura
na jornada que endura
os passos do caminhar,
por trilhas, ainda, a trilhar.

Trilhando entre rios,
atravessam a mata
sem rumo, apenas brios,
seguem a caminhada.

Avançando obstinados,
superam a travessia
e aguardam extenuados,
o término de vital primazia.

Espelho do irreal

Após sonho ou pesadelo,
eu, você, todos acordamos,
despertamos para a vida,
celebramos nosso viver...

Você já parou para pensar,
será que realmente acordamos
ou apenas tornamos a sonhar
e sonhamos viver?

Na vida, um grande espelho,
quem será a imagem, realmente,
você ou seu reflexo decadente,
como saber se o reflexo não é você?

Quem será mais real,
você ou seu reflexo imaterial?
Você vive plenamente?
Você é livre ou apenas mente?

Consegue quebrar a corrente?
Romper os grilhões das ilusões?
Não? Então você um reflexo
neste mundo perplexo!

Embate no caos

Enquanto no Olimpo, deusas lutam!
Disnomia sufoca sua irmã Eunomia...
O caos e a derrocada prosperam
no mundo que sofre com a pandemia.

Mortais, longe dos deuses, lamentam,
e, desorientados, sucumbem à distopia.
Enquanto no Olimpo, deusas lutam!
Disnomia sufoca sua irmã Eunomia...

Deuses falsos e ardilosos, não se calam,
propalam a antiutopia com euforia.
Foragidos do ostracismo, proliferam.
Contra tal assolação roga-se à Eunomia.
Enquanto no Olimpo, deusas lutam!

O sabor do ponto final

Provo, porque as palavras fluem.
Como doce néctar escorrem,
em suculentas gotas de advérbios,
mas engasgo-me com impropérios
que amargam o meu degustar.

Provo, porque as palavras fluem.
Coquetéis de frases inteiras
consumo até a derradeira,
embriago-me de tal maneira
que me perco entre saideiras.

Provo, porque as palavras fluem.
Sorvo, até os textos que contesto,
pois, palavras são drinques,
suaves ou não, que aprecio,
os quais não canso de deleitar.

Provo, porque as palavras fluem.
Líquidas, pela garganta vertem,
algumas resistem outras divertem.
No fim, todos provam, afinal,
nada como o sabor do ponto final.

Choveu!

A chuva fluiu,
a ponte ruiu,
a casa caiu.

Choveu,

Hoje,

Um

Verdadeiro

Aguaceiro.

O rio transbordou,
o carro afundou,
o dia acabou.

Chorou,

Humilde,

Um

Valente

Altaneiro.

A vida parou,
a voz embargou,
a tristeza amargou.

Clamou por

Humanidade

Um

Vigoroso

Alentado.

O povo acudiu,
o socorro surgiu,
o brio emergiu.

Enfim, a chuva estiou,
e não carregou o humano valor
que ressurgiu serenando a dor.

Seguimos confiantes

Descobrimos necessidades
com o avançar da idade.
Porém, nos adaptamos,
sem perceber a fragilidade.

Pautamos nossas ações,
apoiados em recordações,
certos da efetividade
das nossas habilidades.

Apuramos a sensibilidade,
pois, superamos com sagacidade
a ingenuidade de antes.

Vencemos com a maturidade
os conflitos da personalidade
e convictos seguimos confiantes.

Paixão cardíaca

Fixei morada em uma edícula,
no miocárdio do teu coração,
para morar e viver na convicção
de que não seria uma ridícula decisão.

Acesso tuas artérias e veias,
bombeio teu sangue com emoção,
em contínua sintonia e vibração,
apesar de sentir que me amar receias.

Convivo com as dúvidas de sentimentos,
presentes na arritmia dos batimentos,
de nosso cardíaco relacionamento.

Pulsando e mantendo a paixão,
evito a pressão da tua hesitação
com bloqueadores de palpitação.

Poucos entenderão

Lembro-me do seu "xodó"
o Simca Chambord.
Adquirido com sacrifício
na labuta do seu ofício.

Esbelto e brilhante
seu belo encanto.
Interior aconchegante
potência nem tanto.

Rabo-de-peixe, acidente!
Lanterna quebrada
por bicicleta desgovernada.

Lembro-me da sua bronca,
firme, mas asseverada.
Afinal, maculei seu camarada.

Medo racional

O medo real tem sua base na razão,
enquanto a coragem é densa emoção,
mas o medo, decerto, não é covardia
e a coragem arredia, sem propósito
é impulso arrebatado, sem serventia.

O medo resguarda nossa existência
desde os primórdios da humanidade,
dosando os riscos de sobrevivência,
levando-nos a análises com equidade.

O medo cioso com o desconhecido
não restringiu o ritmo da evolução,
apenas, minimizou custo despendido
na construção do nosso conhecimento,
evitando as perdas por açodamento.

O medo é sentimento grandiloquente
que nos intimida e nos obriga a vencê-lo,
com criatividade no uso de nossa mente
evitando o advento de novo pesadelo.

Emoções no rolimã

Carrinhos de rolimã!
Singelamente construídos
com tábuas, restos de obra,
rolamentos automotivos
e sonho executado com afã.

Carrinhos de rolimã!
Surfam nas ondas do asfalto
em manobras no concreto,
velozes no tubo mais alto,
na garantia do freio de chinelo.

Carrinhos de rolimã!
Em imprevisíveis manobras radicais
vivenciam urbanas experiências,
rolando velozes, descendo ladeiras,
na cidade, pegando ondas maneiras.

Carrinhos de rolimã!
Livres, correndo pelo prazer,
deslizam com imensa emoção,
sem disputa ou competição,
apenas o simples sobreviver.

Carrinhos de rolimã!
Na brincadeira da infância
a incansável felicidade,
talvez Juvenil inconsequência,
que se perde com a maturidade.

Prosélito

Atraído pelo discurso perde-se.
Acreditando-se acrítico, apenas cede.
Buscando por certezas converte-se
à doutrina que o domina e o perverte.

Sectário convicto, crê, não critica.
Sem questionar, apenas acredita
em qualquer promessa ao léu,
não vendo a verdade por trás do véu.

Dizendo-se apolítico, um forasteiro,
torna-se alvo de "outsiders" aventureiros,
lobos que o capturam, simplório cordeiro.

Assentindo com tal desinformação
reproduz, com proselitismo, a sua versão,
não acreditando, convictamente, na razão.

Adoção, para as mães do coração

Encontro de almas em conciliação,
ajuste divino de pura sensação.
Coração aberto para a ocupação,
sem consentimento ou autorização.

Chega devagar, como suave brisa,
marcando presença, inundando a vida,
conquistando espaços de afagos
nos corações mais calejados.

Vivendo grande esperança, abraça
a dádiva da vida com temperança,
na certeza do generoso envolvimento,
percebido nos gentis movimentos.

Vidas entrelaçadas, em doação
de sentimentos de grande paixão.
Transcendendo dúvida e hesitação
na trama tecida em profunda emoção.

Era uma vez uma praça...

Era uma vez uma praça...
Com sua grama verdejante,
acolhia a todos alegremente,
onde crianças achavam graça,
das senhoras que conversavam
sobre jovens que se beijavam.

Uma praça de alegria,
uma praça que sorria,
para o mundo com pressa,
sem tempo para a praça,
sem momento para a vida,
sem instante para a esperança.

Era uma vez aquela praça,
Onde o tempo já não passa.
Uma praça esquecida,
acuada, entristecida,
pela cidade modificada,
impiedosamente mutilada.

Praça, qual praça?
Atual estacionamento,
lembrança do esquecimento,
sob o asfalto enterrada,
pelo concreto encoberta.
Praça? Era uma vez...

Os opostos e a percepção

A plenitude da forma só é percebida
quando luz e sombra, em parceria,
dispõem-se em favor da harmonia,
fazendo-a aflorar com maestria.

A luz expõe a forma que contorna,
a sombra o contorno que a limita.
A luz ressalta a intensidade das cores,
a sombra a sutileza de suas nuances.

Tal plástica evidencia o espaço da forma,
convencendo o olhar, mais distraído,
perdido na busca do que é percebido.

Pelo confronto a percepção é ativada,
pelo jogo luz e sombra é revelada
e, assim, a imagem na forma se torna.

Ladrilho hidráulico

Ladrilho hidráulico,
rústico receptáculo
da história contada,
de uma época passada.

De aconchego em colo de vó...

De forma conceitual,
Ideado em singelo material,
logrando efeitos surpreendentes
com cimento e corantes.

E, também, mármore em pó.

Lembrança concreta
de memória incerta,
de piso em cozinha caseira,
local de desejada compoteira.

Sedução, em gulodices, sem dó.

Cães, pássaros e gatos
convivendo, pacatos,
em harmonia no quintal,
com lugar até para pardal.

Na rede, apenas, vivendo a paz e só!

Ladrilho hidráulico
povoa meu sonho,
como o doce pão de ló
da casa da minha avó.

Uma saudade e na garganta um nó...

Sentimentos em flamas

Desânimo sorrateiro,
muitas vezes, bate à porta.
Escamoteado pela retórica
nos atinge certo.

Sintomas de abatimento
tornam-se brasas rubras
onde ardem sentimentos
em flamas de desalento.

Fogueira da ansiedade
queima a nossa sanidade
no braseiro da realidade.

No rescaldo das cinzas
apura-se a certeza de viver
e a opção de se reerguer.

Amoral impunidade

Relativizando ao longo de oitivas,
fiel, ratifica sua canina lealdade,
e evidencia a dissonância cognitiva
entre seu pensamento e a realidade.

Escamoteando pânico histriônico
em arrogante semblante irônico
reluta em admitir seu mea-culpa
e evoca um relativismo alternativo.

Apesar de jamais ter refletido,
acredita que a verdade é relativa
na sua visão sobre o que é discutido.

Persiste em seu caminho marginal,
tangenciando a dúctil veracidade,
convicto de sua amoral impunidade.

Chorar

No choro reprimido
pelas agonias vividas,
carrego o lamento contido
das famílias sofridas.

Descaso desmedido
transborda em letargia
no choro reprimido
pelas agonias vividas.

No sonho esquecido
por corroída alegria
deste tempo corrompido
guardo toda a melancolia
no choro reprimido.

Tic-tac, tic-tac...

Lá se vai mais um segundo,
com sessenta, mais um minuto
com sessenta, mais uma hora,
logo, em pouco tempo,
mais uma vida vai embora.

Toca o vaidoso Big Bem,
que em contínua vigília,
vai a todos acordando,
e ao mundo relembrando
a enfadonha monotonia.

Toca o relógio da donzela,
que apesar de tão bela,
esguia tal qual uma gazela,
impaciente, espera o amor
que um dia já foi dela.

Toca o relógio do velho senhor,
sentado na varanda do destino
recorda seus dias de criança,
deixando escapar a lembrança
que garante a sua esperança.

Mas nem assim o tempo para,
mesmo que todos o esqueçam,
em cada tic ou tac
mais um segundo é roubado
da vida de um desavisado.

Tic-tac, tic-tac...

Beija-flor (Amante infiel)

Bate tuas asas
no compasso dessa cor.
Na velocidade que abraças
esqueces até a dor.

Beije essa flor,
lacônico amante,
envolve-a com teu amor
Impulsivo e vibrante.

Sem tempo para fidelidade,
sem espaço para ficar,
na busca da tua saciedade.

Eterno amante infiel
voe para o próximo néctar,
na trilha de cobiçado mel.

Ler o mundo

Aquele que não lê o mundo
perde-se em soberba ilusão,
não entende o que lhe cerca,
abandona o senso e a razão.

Leigo, perdido, sem noção
não percebe as dúvidas
que afligem seu coração,
pois, são dívidas de emoção.

Sem apoio da imaginação,
sem trégua para superação,
sofre com sua vil realidade,
que lhe fere sem compaixão!

A realística leitura do real
pode derrubá-lo do pedestal,
o que lhe impõe uma virada
para entender tal jornada.

Ler e interpretar a realidade
atento à correção dos fatos,
garante a visão da verdade
sem traumas ou impactos.

Sesmarias esquecidas

Entre a areia e o mar
dunas esparramam-se,
suavemente entregam-se,
em praias infindáveis
sob ondas a arrebentar.

Na intensidade da arrebentação
ouriço, marisco e mexilhão
observam a briga com tristeza,
pois, entre o mar e o rochedo
não há espaço para folgado.

A vida no alagado distante
emerge do vibrante mangue.
Entre o mar e o rio ressurgente
reina o caranguejo imponente
no seu reino de lama latente.

Reinos de areia, rocha e lama,
aprazíveis sesmarias esquecidas,
onde a natureza habita e clama,
vivendo a paz tão reverenciada,
distante da corrompida ganância.

Para-raios

Você atrai olhares,
raios em tempestades.
Aos incrédulos impacta
com elétrica sensualidade.

Sua energia explosiva
com charme me eletriza,
levando-me ao solo
com sua carga impulsiva.

Para-raios da sinceridade,
com emoção e fascinação,
percebo sua eletricidade
como verdade e intensão.

Entrego-me aos seus brios.
Seus raios em desvarios
percorrem meu corpo,
fulminado meu coração.

Tradição que tutela

Parece dança, mas é luta!
Com voadora e rasteira
avança a capoeira,
pura arte e cultura.

Rabo de arraia
salva a arraia-miúda
de razia ou submissão,
apesar da criminalização.

De capangas dos senhores
chega-se aos mestres,
ao som do berimbau.

Hoje, na favela,
é tradição que tutela
o jovem fora da tragédia.

(heliovalim.blogspot.com)

Luz que alveja

No rio, a lavadeira
a quarar a roupa,
aguarda pelo sol
que não a poupa!

Luz que a roupa alveja,
também, castiga o dorso
daquela que ao sol almeja
e cobra dedicado esforço.

Na pedra, a roupa alva
enxaguada pelo regato,
reflete, com toda a calma,
tão generoso regalo.

No vento, a roupa a secar
banhada pela luz solar
agarra-se sem descansar
ao seu desejo de alvejar

O brilho que a transforma
cobra calejada dedicação
daquela que se conforma
em resignada devoção.

(heliovalim.blogspot.com)

Casal influencer

Vivem no seu mundo perfeito,
feito em plástico, sem defeito.
Acreditam que tudo presta,
nada importa, porque viver é festa!

Casal blogueiro, digital influencers,
que não se importam com o real,
pois, seus avatares, no mundo virtual,
buscam lacrar tentando aparecer.

Barby mostra seus recibos,
enquanto influencia seguidores
ávidos por seus ilusórios amores.

Keny flexiona plastificados músculos,
enquanto anaboliza seu ego inflado
e tuita sem dúvidas ou escrúpulos.

Sensualidade contumaz

Dia após dia à espera por um acalento,
enquanto observa, sob o vento morno,
seu cabelo em suave movimento,
em perfeita harmonia com o entorno.

Ao entardecer de um típico verão
o sopro quente sobre seu corpo,
é carícia que lhe impregna o coração,
e com emoção, arrepia sem esforço.

O som envolvente de intrépido arroio
atrai sua atenção para tardio namoro.
Visando ansiado e insólito confronto
urge atender o clamor de tal encontro.

A refrescante brisa de tranquilidade
impregnada pela vivaz magia da paz
viola a solidão de modo contumaz
fazendo-a saciar sua sensualidade.

(heliovalim.blogspot.com)

Pecado?

Sexualidade expressa
em doses de liberdade.

Desejos reprimidos
por cínica moralidade.

Momentos de identidade
distorcidos com inverdades,
suprimidos com agressividade
atingindo toda a comunidade.

Vida cerceada, sendo punida,
castrando-se a individualidade
em nome de falsa moralidade
e de infame hipocrisia velada.

Convictos de lascivo pecado,
segregam, difamam e matam,
mas adotam vidas puritanas,
encobrendo suas ações levianas.

(heliovalim.blogspot.com)

Olhar Paraty

Eu olho com o olhar
de quem quer ver.
Olho para ti
bela Paraty!

Seu sentir caiçara,
seu vigor quilombola,
o cheiro do pirão
de farinha de mandioca.

O sabor da cachaça,
da banana-da-terra
com caldo de peixe.
Não há quem se queixe.

Suas ruas lavadas
na maré alta.
Na baixa maré
o calçamento ressalta.

Calçamento de pedras,
Pé de moleque,
calçamento de lágrimas
de vidas escravas.

Eu olho com o olhar
de quem quer ver.
Olho para ti
eterna Paraty!

(heliovalim.blogspot.com)

Pepitas de estrelas

Após o tempo passado,
descubro você, novamente.
Presente, ao meu lado,
agora, talvez, para sempre.

Caminhamos pela canção
que embala o coração
sob a lua a iluminar
o nosso desejo de amar.

Pássaros sobrevoam
nosso céu de estrelas,
enquanto, ainda, saram
as últimas cicatrizes abertas.

Esquecemos as turvas palavras,
vencemos as ígneas rochas,
na busca de preciosa lavra
que, afinal desabrocha.

Lavramos pepitas de estrelas
em veio celeste, a versar,
colhendo cintilantes palavras,
para explicar o nosso amar.

(heliovalim.blogspot.com)

Anseio em lhe ter

Se tenho que morrer
que seja de amor!
Se preciso viver
que seja de esperança!

A vida não espera
pelo seu desabrochar,
mas, na verdade, tempera
a busca pelo seu amar.

Com íntima sinceridade
desejo viver em seu olhar,
na esperança de encontrar
a legitimidade de lhe amar.

Logo, se anseio em lhe ter,
que seja sem torpor!
Se quero conviver,
que seja sem cobrança!

Marcas

Fissuras remetem
às trincas que indicam
rachaduras que lascam,
quebrando espelhos,
rompendo sonhos.

Marcas que ficam,
em rugas que lembram
o tempo passado,
como fino recado
da finitude do retrato.

Linhas que descrevem
o que histórias contam!
Dias não prescrevem,
e horas não arrematam
o que saudades encantam!

Lembranças apontam
a jovialidade esquecida,
em trincas guardadas,
com verniz, rematadas
sobre cores desvanecidas.

Rio e ribeirinho

Rio avenida!

A todos desafia
para jornada sem fim,
por igarapés e afins!
Barco, baleeira, voadeira...

Rio moradia!

A vida acorda, tardia,
apoiada em estacas,
em redes esticadas!
Casa, flutuante, palafitas...

Rio mercadoria!

Na margem, no mercado
tem erva, peixe no atacado
e fruta nativa que convida!
Porto, trocas, correria...

Rio harmonia!

Cheia e vazante, todo dia,
conversam com a mata.
A enchente dá a vida,
mas, também, alaga e mata!

Cumprindo acordo fluvial
convivem rio e ribeirinho,
acreditando ser tudo normal
onde o rio é o vital caminho
de seu cotidiano natural.

O muro e o portão

Divide, afasta, separa...
Não agrega, desagrega,
pois, sua visão distorcida,
valoriza a chance perdida!

Falso célico, diz ser do céu,
mas, recidivo, retoma com fel
sua convicta arrogância,
escamoteada em intolerância!

O muro do pessimismo
não pode escamotear
a mitigação pelo ceticismo!

O portão, sem proselitismo,
para atravessar o derrotismo
é a convicção na esperança.

Dor inerente

O ser humano
é um infiel detrator,
que não resiste
diante da própria dor.

Em sua redenção,
adicto enganador,
procura omitir a dor
sentida no coração.

Fingidor, insistente,
mente, contundente,
sobre a dor persistente,
que, sem paz, se ressentente.

Lentamente, vem à mente
a verdade premente,
que instiga seu consciente
a crer na dor inerente.

Ao assumir a dor que sente
expõe a sua humanidade
e tão óbvia fragilidade,
que, laconicamente, assente.

Trilhas da imaginação

Palavras transformadas
em trilhas da imaginação!
Construindo estradas
nos caminhos do coração.

Estruturas cravadas
no solo da emoção!
Palavras transformadas
em trilhas da imaginação!

Poesias estruturadas
em sonhos de contenção.
Memórias escavadas
em rocha para oração.
Palavras transformadas!

Saudade do futuro viável

Saudade rima com felicidade,
com lembrança e com idade,
mas, o que importa, na verdade,
é a memória salva na simplicidade.

Saudade guardada nas recordações,
pulsando no fundo dos corações.
No momento das separações,
saudadas em eternas canções.

Saudade de passado idealizado
deve ser usada na construção
do futuro possível imaginado.

Saudade pretérita não pode turvar
a expectativa que o futuro viável,
tão esperado, não tarde a principiar.

Solipsismo político

Somente a própria sensação
acalenta seu solitário coração,
afogado em profunda egolatria,
acreditando, apenas, em sua maestria.

Com seu ego crepitante
segue, exclusivamente, confiante
em sua, onipotente, verdade,
mera impressão covarde.

Não há doutrina que justifique
as decisões solitárias, sem interações,
sem discussões ou contradições.

Não há exclusiva mente pensante,
que, incólume, exclua as divergências,
sem prejuízos ou consequências.

Insidiosa solidão

Olhos tristes suados
olharam, empapados,
um morno sol poente
esquecido no horizonte.

Nuvens cálidas choraram
frias lágrimas cadentes,
que molharam carentes
filamentos de algodão.

Tão óbvio entardecer
ganhara, então, nova leitura
tentando, apenas, esquecer
qualquer gota de ternura.

A basilar angústia tardia,
sorrataia, nos invadira.
Ao soar de retumbante tambor
a tempestade mostrara seu vigor.

Insidiosa solidão impusera
sua presença cortante,
como um raio que rasgara
insípido escarlata celeste.

Silêncio felino

Observo suave caminhar,
o leve pisar, daquele gato.
Constrito sorvo absorto
a introspecção desse ato.

Sem alarido corta o remanso.
Em sutil movimento arredo,
salta um momento fugidio
para o silencioso descanso.

Como num ritual sagrado
cada dogma é celebrado
com reservada harmonia,
paz e inusitada calma.

Especulo por zeloso sigilo
que cerca ecumênico fato,
o sacro respeito ao sossego
que venero, saúdo e acato.

Alheio ao impassível felino
percebo aturdida verdade,
a importância do silêncio
pacificador da realidade.

Sedução imoral

Tão densa, a fumaça da chaminé,
daquela fábrica de tormentos,
carreada pelo vento sem fé,
deixa no operário apenas lamentos.

Cinzas cobrem a humilde vila,
contígua à vil manufatura
com suas casas geminadas
e viciada realidade impura.

Seduzido pela oportunidade
de ilusório emprego formal
sujeita-se a ardiloso normal.

O desvario ao subjugo é tal
que não percebe ou questiona
a sedução dessa fumaça imoral.

Aleluia

Pela sua imobilidade lhe dei vitalidade,
pela sua falta de visão lhe dei sensação,
pelo seu desequilíbrio lhe dei sensibilidade,
pela ríspida realidade lhe dei emoção.

O que foi tirado foi devolvido
em força e pura humanidade,
na escolha pela dignidade
fez-se a incrível graça do divino.

Na realização plena da vitória
a superação é êxtase e glória,
de uma voz que grita em louvor.

Superando o descaso sofrido
na simples explosão de um grito,
uma exclamação de alegria. Aleluia!

Melodia

Ondas se espalham em sons,
quebram espumas e melodias,
unindo ouvidos e corações,
compondo intensas sinfonias.

Instrumentos pulsam tensos
em contidas batidas ritmadas,
reverberando nos batimentos
os mais profundos sentimentos.

A percussão marca sua presença
na marcação de idas e vindas,
na cadência que o tempo avança.

As cordas são dedilhadas pelo vento
que, além, sopra metais em sortilégio
convicto de seus etéreos privilégios.

Sujeição

Incompetente e deletéria visão
gera cizânia e incompreensão.
Clichê de déspota demodê
busca a crise para se esconder.

A leniência como inepta intenção
é elixir de casuísmo que entorpece,
é golpe que à verdade distorce
em nome da desinformação.

Fundamental é fundamentar
a democracia no fundamento balizar,
o princípio da propalada legalidade.

Assim, importa confrontar a vida
e conformar tal realidade prosélita
com a intensa verdade provecta.

Liberdade para contemplar

Um cavalo encilhado
em veloz cavalgar
passa resfolegando,
buscando escapar
de seu ginete insano,
com o chicote estalando,
correndo a gritar.

Com seu folego esgotando
e galope a marcar,
pela trilha correndo
seguindo sem tropeçar,
procurando alento,
para aliviar seu sofrimento,
puxando um pouco de ar.

Correndo para o infinito,
onde praia encontra o mar,
guiado pelo seu instinto
e o desejo de sonhar,
livre para viver segundo seu tino
sem rédea ou bridão a limitar,
adiante apenas o destino
para livremente contemplar.

Acorde

Corda de acampar,
corda de esticar.

Corda de amarrar,
corda de soltar.

Corda de brincar,
corda de pular.

Corda de relógio,
corda de acordar.

Acorde e concorde.
Não enrole, recorde.
Nas cordas da viola
um acorde a dedilhar
que anima, consola
e convida para amar.

Isolamento

Socialmente distanciados,
amargurados pela solidão,
que nos aflige e não dá perdão.

Nem assim calados.
Impulsionados pelo momento,
que de tão doente
não nos permite um instante de alento,
apenas o dramático isolamento.

Mas, o que fazer?

Talvez gritar,
Talvez sonhar.
O importante é protestar,
"Batendo panela",
acreditando no renascimento
do mundo pós-isolamento.

Poeta Crônico

Convivo com a poesia
na crônica do dia a dia,
da persistência crônica,
da busca quase lacônica.

Procuro minha poesia
na melancolia do dia.
Escrevo a crônica poética,
vacinado pela pureza ética.

Infectado de forma crônica
pelo vírus imortal da poesia,
vivo a eternidade em euforia.

Na busca pelo fim da carestia
de intensa fome da verdade
sou crônico, viciado pela realidade.

Perseverante

Uma gaivota perdida,
voando sobre terra,
longe da água preferida
não percebe o quanto erra.

O sol não mais a orienta,
a fumaça enevoa os sentidos.
No horizonte, uma tormenta
aponta novos desafios.

Mas, seus instintos mais naturais
a impelem em sua busca,
superando augúrios mortais.

Perseverante, busca uma rota
que contorne iminente derrota
e aponte para o mar, o seu lar.

Por descuido

Teimoso besouro cascudo
desajeitado, mas, obstinado
teima que voa, então, desastrado
escorrega num pulo, por descuido.

Triste sofrer de um povo inculto,
desinformado, portanto, alienado
sofre com governante desastrado,
eleito com seu voto, por descuido.

Tal insano governo obscuro,
como besouro desastrado,
finge que voa, mas, atabalhado
despenca no presente, sem futuro.

Besouro bem não voa, mas, tenta
e, destrambelhado, até se arrisca.
Governo incompetente se enfrenta,
pois, não governa apenas fustiga.

Enquanto o amor desvanece

Lembranças verdadeiras
iluminam corredeiras,
como cores escorrendo
entre nossos dedos.

Cintilando nosso tempo,
cristais de relacionamento
envolvem nosso espaço
no compasso de antigo abraço.

Empurradas pelo vento,
escorrem lágrimas de lamento
para o poço do esquecimento.

Na verdade, o que prevalece
é a saudade que permanece,
enquanto o amor desvanece.

Sacopenapã

No promontório a se destacar
consagra-se a igreja branca
à Nossa Senhora de Copacabana,
a Sacopenapã, do bravio mar,
renasce Copacabana para orar.

De igreja a forte secular,
de areal à Princesinha do Mar,
se afoga em insana especulação
no mar da urbanização irregular.

Apesar do tsunami de concreto,
que descontrolado domina a orla,
o vai e vem no ritmo da marola,
nas areias e no calçadão liberto,
preserva a ironia e o ar burlesco.

Nada aplaca o espírito festeiro.
Do sagrado ao profano fim de ano,
em suas areias, cultua-se Iemanjá,
sob o Cristo Redentor, o ano inteiro.

Sem noção

Sem noção, motivado,
pronto para resolver,
totalmente empolgado,
é grande o perigo! Pode crer.

Sem dúvidas, tem certeza
sobre qualquer assunto,
não pensa, age com presteza,
por se achar muito astuto.

Orgulhoso incompetente
não tem dúvidas ou dívidas,
apenas ignora e mente.

Todos estão errados, sempre!
Não há como contestar ou refutar,
apenas lamentar solenemente.

Religiosidade

Santos médicos, de então,
os Jovens Cosme e Damião
curavam com paz e perdão.

Sincretismo sua herança,
com a marca da licença,
na presença de Doun.

Jorge, popular santo guerreiro,
presença forte no terreiro
na saudação à coragem de Ogum.

Na praia, o mar é da rainha.
Salve, Iemanjá, a cultuar
a Nossa Senhora no altar.

Oxalá, fragmento de Deus,
seu filho no sincretismo
pelas qualidades e simbolismo.

Pelo sincretismo a proteção
contra opressor e a opressão
à liberdade de religião.

Hoje, religiosidade consagrada,
não há quem reverência não faça
ao orixá e a santa venerada.

Fingimos não aceitar

Vivemos a "Carnis Valles",
na evolução do "Entrudo",
esperando "Cinzas" chegar!
Enquanto jogam de tudo
fingimos não aceitar.

Jogam todos contra todos
em injúrias e difamações
com narrativas e agressões
sob o profanado manto
da liberdade de expressão.

O prazer de tal cinismo
evolui do simples sarcasmo
de jogar "limões de cheiro"
à profanação, por inteiro,
da alma e carne da verdade.

Nos prazeres da festa da carne
falsear o real não é novidade,
sendo incredulamente natural.
Mas, quando encarado com fatos
o escárnio confirma-se imoral.

Flor da lembrança

Um amigo postou uma flor
dos quintais da infância,
branca, síntese de toda cor.
Um desafio à reminiscência!

Trancada na memória,
tal imagem tornou-se a chave
a descortinar minha história,
sem dúvida ou entrave.

História de correr e brincar,
de árvore, fruta e pomar,
de sabor e cor para lembrar.

Da flor ao fruto da goiabeira,
o aroma de uma lembrança,
ontem, hoje e pela vida inteira.

Dor do alheamento

Percebo teus sentidos,
assevero teus pensamentos,
entendo teus sentimentos,
embora, presos ao alienamento.

Mas, jogue com altivez tal jogo,
viva tua vida sem estorvo,
 siga convicto até o apito final,
pois, afinal é o que importa.

Crises, naturalmente existem,
mas, pouco ou nada importam,
pois, os sentimentos resistem
e, até, às dores suportam.

Afronte tuas chagas, sem lamento,
com vigor resista ao sofrimento,
pois, a verdade é o teu acalento
para essa dor do alheamento.

Redundância

Poetizar é viver a sonhar,
é sonhar para viver,
acreditando-se no doce amar
e na certeza do bem-querer.

Com arrepio ou contenção
o momento de poetizar
é redundância de emoção
na nossa forma de amar.

Em versos a sussurrar
uma ode ao nosso amor,
além da terra, além do mar.

Redundante poema de amor,
como no primeiro beijo,
derrete-se no calor do desejo.

Rei desnudo

O rei, mesmo despido,
desprovido de sua moral,
mantém o povo aturdido,
como se tudo fosse normal!

Abdicar da real vestimenta
denota populismo nos atos
que, cinicamente, inventa
com seu desprezo aos fatos.

Em algum reino desta Terra,
onde o rei desnudo é o tal,
inventou-se o pânico moral!

Assim, despista-se, de fato,
que o rei se orgulha de estar nu,
pois, vassalos o veem como guru!

Gabriel

Mentor e mensageiro
de boas novas celestiais,
mas, também guerreiro
nos cismas imortais.

Anuncia a sacra verdade,
lidera hostes de favorecidos
ao lado de Miguel e Rafael,
cumprindo divinos desígnios.

Pertence a alta hierarquia!
Sendo Elevado, é responsável
por executar, incansável,
as ordens contra a rebeldia.

Fugidios, rebeldes debandaram!
Vieram para este mundo,
que lentamente dominaram,
insuflando o caos profundo.

Vive-se o tempo da desordem,
cultuando caótica inverdade,
sem tempo para a honestidade,
sem paz para a humanidade.

Anseia-se por sua proclamação,
sussurrando sinceridade
em todo combalido coração
que precisa ouvir a verdade!

Por skyline natural

Angustiado, travado,
perdido no trânsito.
Parado, congestionado,
na busca por ânimo.

Procuro o horizonte,
até agora perdido,
onde o dia desponte
e me reponha o sentido.

Atrás daquela muralha
novo dia hei de encontrar,
como uma fagulha
começando a crepitar.

O entardecer de raios rubros
desenha a perspectiva,
que escondida procuro,
acirrando tal expectativa.

Continuo a busca por skyline
que contemple desenho real,
sem prédios em underline,
apenas um traçado natural.

Bilboquê

Brinquedo diferente,
deixa a criançada contente
daqui ao distante oriente.

Seu nome às vezes engana,
aqui se chama Bilboquê
lá é conhecido por Kendama

Crianças brincam livres
com a infância a correr
enquanto jogam bilboquê.

Passatempo divertido,
mas demanda tempo
para ser compreendido.

Poema sem compromisso,
um brinquedo, um resgate,
da memória um recorte!

Reflexos derretidos

A Lua cheia, repleta,
parece a Terra tocar,
mas, apenas a completa
em sua órbita a vagar.

Casais contemplam
esse sutil compor
e intensos se amam
do nascer ao se pôr.

Observam, perplexos
os derretidos reflexos
nas ondas serenas
das marolas prateadas.

O luar a brilhar,
convida os amantes
nas ondas a nadar,
ofegantes a murmurar.

Envoltos na espuma prata,
de um diluído luar,
daquela lua grata,
se perdem em doce amar.

O corsário e o erário

Vil e serviçal corsário
ao rei serve para agradá-lo,
mesmo sem ideário,
ou maestria para fazê-lo.

Sendo devotado caudatário,
sem coragem para confrontá-lo,
vil e serviçal corsário
ao rei serve para agradá-lo.

Ansiando por dividir o erário,
pela parte do butim, seu regalo,
não percebe o chefe arbitrário
que, apenas, deseja mantê-lo
vil e serviçal corsário.

O Pastor

Um dia em Belém, na Palestina,
iluminado por estrela divina,
nasceu o pequeno pastor,
filho de pais humildes,
o jovem salvador.

Nasceu pobre,
sem ouro, nem prata,
tendo como berço
uma manjedoura forrada,
coberta com a mais pura palha.

Cresceu forte,
fez-se homem,
tornou-se um pastor de porte,
guiando seu rebanho d'almas
através de impérios da morte.

Crucificado, ressuscitou,
voltou à Terra
e sua mensagem,
atravessou oceanos e mares,
percorreu vales e montes.

Hoje, ela persiste nos pássaros,
nas cores, nas flores e nos amores.

Anseios de um novo ano

O brilho de estrela intensa
esbarra no horizonte rubro,
iluminando caminhos turvos,
miragens de agruras densas.

Assim, constrói-se, aguarda-se
um novo nascer a despertar,
deseja-se, mimetiza-se
um novo acordar para acreditar.

Com o renascimento da justiça
há esperança que no novo dia,
ao término da noite mortiça,
o desalento dê lugar à alegria.

Um tempo em que a verdade
alicerce fortemente a civilidade,
garantindo a serena reconstrução
das bases da nossa civilização.

Na virada, da propalada passagem,
impõe-se, anseia-se, sem engano,
que tão esperado novo ano
não seja apenas uma miragem!

Por puro desdém

Contra o concreto da calçada,
folhas repousam sossegadas,
mas, voam ao serem varridas,
sendo em borboletas alçadas.

Batendo asas ao vento,
são carreadas pela torrente
de elementos dormentes,
capturados sem consentimento.

Vento de plácida comoção
sopra intenso e nada o detém,
pois, Clio, a musa que libera a inspiração
não catalisa a razão por puro desdém.

Folhas transmutam-se borboletas
quando a criatividade vence a razão
e pelo vento dos sonhos são levadas
para muito além da emoção.

Não basta torcer, aplique!

Privatizaram o estádio
e o time do coração!
Quanto vale a emoção?
Um tostão, um milhão,
uma anônima ação,
quicá uma S.A.?

Torcedores atônitos
vibram com as ações
de seus times nos pregões,
torcem por gols de bônus,
dividendos dos pênaltis
e escanteios como ônus.

Seus atletas são operadores,
chutando em suas mesas
operações sem emoções,
onde torcedores são as presas
de anônimas sociedades,
onde ter lucro é goleada.

É fundamental ver o torcedor
cantando jingle do patrocinador,
agitando a logomarca do time,
sentindo-se parte da corporação
que explora sua paixão.
Não basta torcer, aplique!

Na rocha fria

A beleza exposta nos entalhes
cinzelados na rocha bruta,
são sutis e perenes detalhes
ungidos pela fina poeira
a cobrir imagem alvissareira.

O cinzelar do jovem artesão
vai, lentamente, revelando
a essência de sua devoção.

Com capricho e dedicação
a rocha troca sua rudeza
por consagrada delicadeza
e a imagem surge, sem receio,
da rocha, da terra, do seu veio.

Convicto de sua fé e destreza,
anseia esculpir na rocha fria,
o alento para sua vida em agonia.

No chiado da chaleira

Um alarido intenso e agudo
invadiu sem responsabilidade
nossa cerrada intimidade,
rompendo-a por um minuto.

Enquanto o fogo crepitava,
a chaleira fervia e chiava,
impregnando o ambiente
com aroma de café quente.

Lentamente despertamos,
envoltos pelas emoções
do amanhecer sem tensões.

Os cheiros inebriavam a aurora
e entregavam a noite de paixões
ao alvorecer de recordações.

Conspiração macabra

A "venerada" lei da oferta versus demanda
tem sido, despidoradamente, substituída
pela insensibilidade versus desespero,
pois, o importante é lucrar por inteiro.

A solidariedade perde importância,
quando o triunfo laureia a ganância.
Recorre-se celeremente ao reducionismo
do economicismo ao justificar tal cinismo.

Pauta-se miséria, abandono e desamparo
com equações de descaso e despreparo,
excluindo os miseráveis de tais formulações.

Nesta conspiração macabra, sem assombro,
a fome não espera e bate forte, com endosso.
Sobra, cinicamente, à população roer o osso.

Pios da mata

Da cultura indígena,
reproduz, com arte,
os sons da floresta,
os cantos em festa.

Memória preservada
em arte para sopro,
respiro que convida
a viver a natureza viva.

Viver imerso,
na névoa de sons,
eleva a alma
e sublima o coração.

Em cada pio
um novo suspiro,
em tom de arrepio
voa um pássaro arredio.

Alma ardente

Dizem que sou "Marvada",
mas, aqueço corações
e, explicitamente velada,
inspiro doces canções.

Falam que sou alienada,
pois, consumida nos grotões,
de uma sociedade alheada,
entorpeço multidões.

Oram, me chamam Bendita,
venho de várias regiões,
sou sua companhia favorita,
ribalta de inúmeras paixões.

Cortam minha cabeça, a maldita,
me destilam em duas versões,
em Amburana sou envelhecida,
sou patrimônio de emoções.

Destilam minha alma fermentada,
separam meu coração em porções,
ao pingar no alambique, recatada,
sou Pinga, sou ardente em sensações.

Como tempestade

Reunidas pelo destino
vidas se cruzaram,
almas se encontraram
no mapa do divino.

Num momento festivo,
olhares trocados
revelaram delicados
sentimentos afetivos.

Incisivos, como tempestade,
inundaram os corações
com intempestivas sensações.

Beijos trocados,
com juras de emoção,
selaram essa paixão.

Transformar para viver

Contraopondo ao alijamento,
o ato simbólico de transmutar
interrompe tal banimento
que busca, apenas, apartar,
induzindo ao vil afastamento.

O apurado ato de transformar,
impõe sutil desconforto,
e põe a sociedade em confronto
com a verdade a clamar,
que não resiste ao performar.

Com exuberância e talento
busca, na ambiguidade, tratar
tal realidade com acolhimento,
sem admitir ação de discriminar.
Transfobia, não há como justificar!

11:11

Às onze e onze,
do dia onze do onze
percebi tal coincidência,
e sem consciência,
atribuí, tal fato, ao destino,
como mensagem do divino,
um atributo atávico,
lúdico ou trágico,
carregado de magia,
essência de pura energia.

Após um momento,
o fim do encantamento,
revela-se a verdade,
e o choque de realidade
dissolve a fantasia
contra a lógica fria,
a coincidência acontece,
sem estresse,
sem engano,
uma vez ao ano.

Relações sinestésicas

Com a sensibilidade à flor da pele
observa as sensações esvanecerem,
pois, enquanto ama também repele
e falha com aqueles que lhe querem.

Cultua sentimentos ligados à aparência,
com os quais analisa dúvidas de caráter,
rompendo relações sem advertência,
falhando, inclusive, com seu benquerer.

Impressões evocadas pelo ambiente
impõem e ratificam suas decisões,
como diretrizes do seu inconsciente.

Imagens concebidas a partir da fantasia,
sem compreensão, apenas sinestesia,
contribuem para o alcance de tal agonia.

Martírio

A natureza oprimida,
sem opção, encoleriza,
impondo desmedido vigor
sem nada a lhe contrapor.

Em seu intenso derramar,
faz a humanidade chorar,
rogando-lhe clemência
em nome da existência.

Impiedosa contra seu algoz
rompe a frágil convivência
com força brutal e atroz.

Impingido a tal locatário,
como pagamento o martírio,
por seu infindo atrevimento.

Solidariedade à Petrópolis!

Até a próxima batucada

Este carnaval vai ser igual
aquele que passou,
você não brincou,
mas ninguém acreditou.

Sem batucada, sem batida,
sem Surdo ou Tarol,
a rua persiste triste e vazia,
sem folião, sem folia.

Sem desfile, sem alegria,
o Bloco de Sujos agoniza
na sua própria agonia,
que a realidade banaliza.

Perdeu-se a fantasia,
sob confetes e serpentina,
sem cores, apenas apatia,
para insidiosa pandemia.

Platitudes

Uma afirmação tola e banal,
sem sentido e superficial,
usada como clichê da verdade
confirma a pressão da ambiguidade.

A não convicção sobre nada
garante a proteção da isenção,
mas alimenta o "efeito manada",
excluindo de vez a percepção.

Sem perceber o que lhes cerca,
apenas reforçam a falta de atenção
sob a pressão da eterna alienação.

Vivem, assim, o fim do pensamento,
prelúdio do imutável esquecimento
nas platitudes do desconhecimento.

Mulheres todos os dias

A presença feminina,
quando e onde desejar,
reforça e anima
a luta por todo lugar!

Minas, manas ou nonas,
lutadoras brigando,
fugindo da queda e da lona,
com força, sem pranto!

Talento e sensibilidade
na busca por oportunidades,
por um momento ao mar,
pelo lugar, onde desejar!

Mulheres, mestres ou magas,
conciliando suas jornadas,
deixando fortes pegadas,
sem regalias, todos os dias!

A paz no purgatório

Esdrúxulos líderes abastados,
em seus gabinetes embolorados,
se mantêm, dos conflitos afastados,
enquanto o povo iludido é massacrado.

Decidem sobre milhões de destinos,
amparados em dogmas cênicos,
esquetes de pseudo-humor,
impingindo sofrimento e dor!

Mascarando os interesses de nações,
imbuídos das "melhores" intenções,
usando a liberdade como pódio,
buscam, apenas, suas partes no espólio.

Discursam pela insana guerra,
não pela paz, logo ninguém pondera,
nem argumenta convincentemente,
pois, discursos são, apenas, convenientes.

Na busca pela inviável quimera,
a expansão de alianças prospera,
para tanto, justificativas são criadas
e verdades são descartadas.

Ao consolidar, desastroso isolamento
visando gerar vil estrangulamento,
sufoca o mundo, como animal predatório,
e joga a possível paz no purgatório.

Sinete da traição

Marcas de famílias ou clãs,
signos de confirmação,
de poder e tradição.

Consignando falsas alianças,
firmando pactos sem impactos,
forjando traição e vingança.

Acordos que não subsistem
a, tais, promessas vazias,
dos lacres que se rompem.

Compromissos selados
em busca da paz cobiçada,
mas jamais alcançada.

Tão frágeis quanto o selo
firmado, pelo sinete,
com cera quebradiça.

Não resistindo à cera triste,
e ao romper dos laços,
apenas, cedem e desistem.

Não é apenas um pão de ló!

Um bolo quente a esfriar,
observado, atentamente,
tentando nossas mentes
e o tempo a nos torturar.

Forçando a ambiguidade
de conter nossa vontade,
que nessa tenra idade
é sinônimo de ansiedade.

Desejo por um bolo simples,
esfriando sobre o fogão,
sem enfeites ou decoração.

Receita da base do coração
de mãe, herdada de avó,
não é apenas um pão de ló!

Espécie visceral

Uma grande íris negra,
passivamente, observa
a involução da espécie!
Com um brilho pontual
aguarda o instante fatal
dessa espécie visceral.

Deletéria competência
destruindo a existência,
em monólogo eloquente,
com obscura insanidade,
constrói insólita realidade
saudando o fim da humanidade.

Sob a égide de malta perdida,
adeptos diletos da desvairada
"realpolitik", ora corrompida,
onde o maniqueísmo impera,
não admitem a negociação,
apenas brindam à extinção!

Sempre haverá uma nova canção

Meditar sozinho
não é cultuar solidão,
é apenas um caminho,
um ato de convicção.

Apurando alento
no seio do coração,
expiando o tormento
de toda a emoção.

Provocando sentimentos
que vencem a razão,
e sem choro ou lamento
proclamam a ilusão.

Pois, sempre haverá
uma nova canção,
que indelével tocará
o fundo do coração.

Abrigando nesse ninho
a certeza da reação
a pensamentos daninhos
e à ausência de noção!

Amigos do poder

Séquito de predadores,
atentos, caçam vorazes
rapinas vulgares, favores
de caudilhos incapazes.

Dogmáticos pelo poder
se fecham em interesses,
solilóquio de mal querer,
monólogo de benesses.

Dissimulados, encobertos
por escusos argumentos,
venais em seus ganhos.

Enquanto todos perdem,
obscenos amigos do poder,
cnicamente, enriquecem!

Malandro por convicção

Vontade à disposição,
vergonha não,
falo sim, penso não!
Vivo, assim,
na contradição.

Do começo ao vão
esqueço a razão,
sem fim ou senão!
Vivo, assim,
da ilusão.

Na verdade, em vão,
encontro atração
na imprecisão!
Vivo, assim,
na pretensão.

Perco a noção
opto pela sedução
vendendo ilusão!
Vivo, assim,
na subversão.

Sem opção,
uso a emoção
e roubo seu coração!
Vivo, assim,
malandro por convicção.

Semana da libertação

Domingo, sobre ramos,
sou recebido com ovação.
Com hosanas, em coro,
todos clamam por expiação.

Na última ceia, em consagração,
dou meu corpo em comunhão.
Sei que por dinheiros sou traído,
mas ao meu destino me resigno.

Sexta, torturado, sou crucificado
em sofrimento na paixão.
O silêncio, em aleluia, no sábado
é a palavra da redenção.

Na Páscoa, no domingo,
vivo a ansiada ressurreição.
Agora, semeio a palavra convicto,
pois, a palavra é libertação.

Descaso natural

Um intenso sol estival,
naquele tórrido verão,
brilhava sobre milharal,
queimando a plantação.

Um ardente vendaval,
a esquentar o coração,
rompia o dia normal
clamado em oração.

Um desconserto não banal,
que expõe, sem opção,
a pura verdade brutal
do homem e a exploração.

Um eterno viver carnal,
em rumo à destruição,
cultua sua verdade amoral,
alegando suposta evolução.

Um descaso universal
com a Terra e o coração
devastando o que é natural,
sem coerência ou coesão.

Um olhar simples e racional
não vislumbra solução,
apenas devastação imoral
da vida e da concepção.

Almas atadas

Acalmar a agonia
apazígua angústia,
alivia amargura,
aproximando amores!

Após anoitecer,
ardente amante
aquiesce à amada,
atendendo anseios!

Aprendendo a amar,
ante as auguras,
avivando alvas almas
almeja à aurora alçar!

Almas abraçadas
alçadas ao astral,
atadas, ancoradas
ao amor atemporal!

Caliente!

Corpos unidos em sintonia
compartilhando a harmonia
de sentidos dormentes,
entrelaçados em êxtase "caliente"!

Corpos cálidos purificados
em intensos suspiros,
em profundos sussurros,
são sutis prazeres unificados.

Amantes, confidentes,
trocam carícias veementes
sob arroubos ardentes.

Buscando íntimos prazeres
entrelaçados em êxtase "caliente",
sob arroubos ardentes.

Xadrez venal

No corrompido xadrez venal
somos, apenas, peões
aguardando pelo xeque-mate,
que derrube o rei factual!

Mesmo sabendo que jogadas
mudam a cada partida,
ansiamos, a cada xeque,
pela derrocada pretendida.

Convictos, cremos em movimento,
que mude posições no tabuleiro
levando ao lance derradeiro.

Vivemos e jogamos como peões,
avançando uma casa por vez,
acreditando jogar com altivez!

Humanas diferenças

Avaliar existências,
vidas de persistências,
com olhar simplista
e discurso egoísta
é matar a fraternidade.

Reforçar desigualdades,
reproduzindo iniquidades,
com coração maniqueísta
e dissimulado olhar altruísta
é abandonar a civilidade.

Julgar humanas diferenças,
a partir de falsas crenças,
com visão capacitista
e preconceito elitista
é rejeitar a diversidade.

Contra capacitismo
não há o que avaliar,
sem brecha para sofismo
é imperativo bradar,
impondo-se respeitar!

Amplexo

Meu pai cumprimentava
a todos com convicção,
aquele amplexo ousava,
em sua animada saudação.

Mais que um simples abraço
um amplexo é complexo
aproxima, estreita o espaço
deixa o abraçado perplexo.

Encurtar a distância
sempre foi seu desejo,
garantindo a experiência
de encontro em novo ensejo.

Sua contagiante sinceridade,
envolta por grande amplexo,
compartilhava a amizade
como um franco reflexo.

Reflexo de sua calorosa,
generosa emotividade,
que, sendo tão fervorosa
rompeu o tempo, a eternidade!

Sonora timidez

Sons de uma viola acústica,
suave, refinada, não rústica,
reverberam com nitidez
no resplandecer de sua timidez.

Timbres que elevam os sons
a níveis de divinos sonhos,
erubescem os tímidos enamorados,
inebriados em beijos moderados.

Doce sonoridade imaterial,
que ressabiada ecoa formal
sublimada em melódicas malícias.

Envoltos em reservados acordes,
constrangidos, jovens amantes
esboçam contidas carícias.

Cacoete egoico

Na busca por sucesso,
apelar ao retrocesso
é simplório cacoete
de hostes incompetentes.

Egoicos, não entendem
que os tiranos ocultam
aquilo que cobiçam,
enquanto lhes subjagam.

Ainda, propagam embustes,
como direitos que suprimem,
convictos de vida impune
a todos amordaçam e oprimem.

Mas, o tempo, embora lerdo,
opera para que a justiça ocorra,
mesmo sendo razia amorfa
é digressão que conforta.

Xuê

Xuê, idílico sentido
faz o tempo passar,
sem pressa, devagar,
sem hora para chegar.

Xuê, no ruído do mar,
no cantar das ondas,
vagueia meu olhar
em pacto de sonhar.

Xuê, singela expressão,
resume toda a sensação
de apenas ser o momento.

Xuê, o vento quente sopra,
enquanto, sutilmente, amorna
outro entardecer modorrento.

Telhado de vidro

Torcido, soprado,
plano ou ondulado
expõe e oculta
a imagem que insinua.

Canelado, fantasia
opaco ou translúcido,
veleidades de estilo
a conformar aparências.

A parede de vidro isola,
mas deixa a mostra
o cotidiano in vitro
de vidas em conflito.

O telhado de vidro esfola
a fragilidade exposta,
daquele que aposta
na pedra que atira.

A precariedade implícita
que aos brutais incita,
decreta nocaute pífio
ao expor queixo de vidro.

Enamorados pelo caminho

Atraídos pelo destino,
religados pelo percurso,
perdidos, mas enamorados,
encontram-se apaixonados.

Absortos em sentimentos,
partilham deslumbramento
pelo intenso envolvimento,
que transborda o momento.

Entre carícias e carinhos
compartilham caminhos,
reunidos pela jornada.

Juntos, amantes e amados
participam entrelaçados
de efêmera caminhada.

Torrente

Documentos em sépia,
auferidos pela volúpia
de lascivos da grilagem,
corroem terras devolutas.

Griladas por especuladores,
são corrompidas, surrupiadadas
por gerações infestadas
com grileiros usurpadores.

A floresta tomba invadida
desmatada e queimada
ocupada por ruidosos grilos.

Tal torrente arrasta correntes,
insana, sangrando a floresta,
por fim, rasga o que resta.

Poeira

Por que varrer a poeira,
se nova camada, no ar,
espreita sorrateira,
para, então, se acomodar?

Sem pressa, sem zoeira,
deixe a poeira assentar,
não há motivo para apressar,
o tempo a amalgamar.

Cada grão fixa uma imagem,
onde miragens interagem,
como lembranças e saudades
vivas em várias realidades.

Não ceda ao ansiado prazer
de impulsivamente varrer
a poeira para debaixo do tapete
das memórias, sutis lembretes
perdidos no tempo presente.

Rompa esse tabu intocável,
guarde a poeira da vida,
tal qual um bem venerável,
pois, contém e olvida
fugaz memória implacável.

Ansiando por ti

Ansiando por ti,
sofrendo a tua falta
em sonhos me perdi.
Convicto da tua volta
na espera me consumi.

Nas lembranças de ti
a saudade me arreбата.
Sem controle consenti,
mas, o coração palpita
na paixão que sucumbi.

Beijos roubados por ti
são pontos em carta
que no tempo esqueci,
pois, o que importa,
apenas, ao teu lado vivi.

Viver a saudade

Viver a saudade
a vida nos suscita,
sem importar a idade
de quem a exercita.

A lembrança bate,
com força e convida:
viver a saudade
que a vida suscita.

Ao perder o embate
que à memória incita
e ao coração abate,
apenas, nos resta
viver a saudade.

O extremista

Busca a tensão
até o rompimento,
sem arrependimento,
sem distensão.

Busca atenção
além do sentimento,
aquém da razão,
sem consentimento.

Radical por devoção
grita com o fígado
verborragia sem contenção.

Agride, com grave intenção,
o contrário que o contradiz,
sem esboçar mínima emoção.

Nise

As palavras escondidas,
por detrás de cores e traços,
revelaram verdades perdidas
em camafeus descalços.

Riquezas por descaso omitidas,
abrigadas em sortidos percalços,
expuseram histórias corrompidas,
contadas em artes, aos pedaços.

Heroína de almas esquecidas
superando preconceitos e ranços
acordou memórias adormecidas
encobertas por estranhos laços.

Entre flores e Mandalas coloridas
o inconsciente floresceu em abraços
e afetuosas lembranças reprimidas,
esculpindo vida em todos os espaços.

Apesar dos escombros

A tinta amarelou,
a madeira secou,
por fim a porta rachou
e o amor escapou.

Os dias evanesceram,
lentamente, se perderam
entre trincas e trincos
fendas e amores findos.

Incontáveis minutos
cindiram suas platitudes
em momentos infortúnios
de esquecidas solicitudes.

A razão, meramente ilusão,
desabou em escombros,
como metafórica alusão
a desconstruídos desencontros.

Apesar desses escombros
as ruínas das horas demolidas,
entre longas retóricas retorcidas,
compartilham, ainda, reencontros
apoiados em antigos prantos.

Pangeia de sensibilidades

A diversidade humana
é escultura complexa
a romper em estilhaços
e se construir dos pedaços.

Frágil como o vidro,
quando frio, quebradiço.
Fluído, como tal,
quando quente, plasmático.

Composição de texturas,
paleta de tons de cores,
pangeia de valores,
permeada por intensas densidades.

Extrapola dogma e convenção,
em pedaços do mesmo material
constituí mosaico vital,
parte da nossa evolução.

Designo existencial
contra adictos da salvação,
com força da realidade cabal
e da verdade do coração.

Frondosa certeza

Feminina você inspira,
feminista você conquista,
mulher, alma de menina,
orgulhosa e intimista.

Cativante, com doce olhar
envolvendo sem receios,
buscando viver e amar,
alterna verdades e anseios!

Impoluta, rompe preceitos.
Decidida, supera imposições.
Impetuosa, muda conceitos.

Frondosa, com folhas tenras,
abraça o que determina
com raízes, firmes e intensas!

Poesia em retrato

Imagem em poesia
fixada na fotografia,
versos em composição,
reflexos de inspiração
na plenitude da emoção.

Retina capturada
em nuances de sombra e luz.
Divinamente retratada,
a mensagem cativa e seduz
o poeta de alma apaixonada.

Captura em grande angular,
focando envolver a poética,
seduzindo o instante a marcar
rimas de elaborada estética,
compondo a poesia em retrato.

Marchetaria política

Marchetaria, arte refinada,
peças, com esmero moldadas,
conectadas com precisão,
sina de fina manipulação.

Política, arte negociada,
coalizão, com embate lograda,
votada com participação,
sina de dura articulação.

Política, refinada marchetaria,
que requer sutil sinergia
com articulação e coesão.

A precisa colagem de parcerias,
garante política sem euforia,
mas, com articulação e adesão.

Fim do sonhar

Cedendo ao fim do sonhar,
o amante aquiesce à amada
ante às angústias do acordar
e se agarra à utopia sonhada.

Vendo o sonho acabar,
reluta em romper a alvorada.
Cedendo ao fim do sonhar,
o amante aquiesce à amada!

Apesar de rogar pelo sol a raiar,
ao seu lado, sua enamorada
cochila, isenta, sem notar,
seu amado acatar a jornada,
cedendo ao fim do sonhar.

Predador da verdade

Diz que não mente,
que adversários distorcem.
Diz que alteram suas falas,
tirando-as do contexto.

Como de hábito, sua mentira
transpassa a sinceridade,
com a intensidade que retira
resquícios de ética e verdade.

Repete compulsivamente
sua retórica corrompida,
falsa, mas contundente.

Tal predador, busca pela presa
entre alienados admiradores,
ou potenciais perdedores.

Opção pelo sonho

Devemos arriscar eleger
sonhos, talvez aliciantes,
banindo o monótono ceder
a, vozes e ideias delirantes.

Convictos de nosso haver,
visamos escamotear
o limbo do adormecer
norteando nosso opinar.

Cansados de intolerantes,
que só ouvem a própria voz,
bradamos por representantes
que clamem e roguem por nós.

Devemos refrear tais irascíveis,
que consomem o próprio fel.
Compondo sonhos incríveis,
tendo a esperança como fiel.

Pedaço de nostalgia

Noutro modorrento dia,
à tarde, o tempo chovia!
Enquanto a água escorria,
não acreditava no que via!

Não contive minha euforia,
surpreso, provei com alegria,
a lembrança de jovem confraria
reunida no quintal da correria.

Doce de infância que tanto queria,
pelo sabor de amizade e parceria!
Juquinha, bala doce e azeda que seria
a chave lúdica que memória recria.

Ao expor a plena saudade que alicia
e o tempo que confronta e não alivia
não há como resistir à alquimia
deste sutil pedaço de nostalgia.

Tediosa idiosincrasia

Ao despertarmos, aturdidos,
percebemos um mundo invertido,
atentos, analisamos o ocorrido
e notamos nada fazer sentido!

Reflexo reverso em espelho irreal
faz-nos ponderar o sentido atual
de, passivamente, ler no jornal
noticiais distorcidas desta vida.

Homofobia, racismo, misoginia
são tratados com míope demagogia
simplificando a própria utopia.

Encobrimo preconceitos, a burguesia
usa a capa da tediosa idiosincrasia
sobre a hipocrisia da falsa meritocracia.

O instante existe

Escorre pela vidraça
a gota que abraça
a tristeza sem graça!

Indiscreto, o brilho solar
rompe tal lacrimemar
com intenso festejar!

Não é alegre nem triste,
sendo poeta, o brilho persiste
em abraçar a gota que resiste.

Envolta pelo brilho, permuta-se,
transmuta-se em emoção,
disfarçada em contida ebulição.

Em êxtase, silenciosa,
dissipa-se em súplica amorosa,
devotada a tão calorosa paixão!

Arte pura

Virtuosa, argila moldada
sob o olhar de um coração
artesão!

Transforma-se em arte
de genuína emoção!

Peça de singela atualidade
e extrema criatividade,
marcada com personalidade!
Arte pura, mas funcional,
modelada com intenso astral!

Com a cerâmica em terracota
desenha-se em forma e conceito
peças de impecável efeito.

A alma da argila encanta
e sem falha ou defeito vitrifica
os sentimentos que mobiliza.

Sobreviver à rude realidade

Viver a serenidade
no paraíso, é ilusão
que, sem emoção,
perde-se na eternidade

Sendo diletante eficaz
busca-se o sonho forjar
com nostalgia da paz
e saudade de sonhar.

Com tempera secular
confronta-se a existência
com o direito ao sonhar
e à ilusão da sobrevivência.

Sobreviver à rude realidade
impõe a obrigação de sonhar
com a necessária serenidade
e quem sabe, talvez, acordar!

Denso limite

Convivo com a ansiedade
de ser o que já fui,
de viver o que já vivi,
ter o que já tive,
quando o que importa, na verdade,
é dizer algo sobre o agora,
e ter razão sobre não ter razão!

Sinto o tempo passar sem compaixão
nas bordas do destino dos que se vão,
sinto a densidade do vão,
sobrevivo a essa condição
que me empurra, sem dor,
para o limite da consternação!

Sofro com platitudes, como plumas,
a justificar a ausência de justiça
para meus pares, meus irmãos.
Anseio pela ladainha da oração,
no refrão de conhecida canção,
enfim, descompenso no limiar da inação,
mas, não deixo a alienação turvar a visão!

O florescer da esperança

Espero, com veemência,
o florescer da esperança,
triunfando sobre a intolerância
confirmando a crença na leveza
de ramos revoando ao vento.

Aguardo por raízes fortes
crescendo no solo da confiança,
como árvore de grande porte,
frondosa, tal qual a perseverança,
firme, não cedendo ao vento.

Anseio por frutos amadurados,
tenros, pelo sol da convicção,
que adoçam sentimentos puros
atados, sem dúvida ou contestação,
a ramos que não vergam ao vento.

Acredito na colheita de expectativas
que produzem certezas maduras,
rejeitando pomos de intransigências,
semeando sensações ponderadas,
carreadas por improvável vento.

Como ardilosas missivas

Tudo vale no vale-tudo?

Da retórica distorcida
constam ideias retorcidas,
verdades não ditas, omitidas,
choro dos oprimidos,
risos corrompidos.

No vale-tudo desta história
a mentira é ferramenta notória
na pena de fingido missivista,
que falseia, à plena vista,
qualquer realística evidência
ao aproximar-se da consciência.

No vale-tudo desta tramoia
toda luta parece predatória,
pois, o mentiroso competente
é adversário renitente,
enviando ardilosas missivas,
corrompendo almas abstraídas.

No vale-tudo desta paranoia,
missivas, tratadas como sevícias,
são propaladas por proscritos carteiros,
que adulteram e desvirtuam fatos
como amorais embusteiros.
Infelizmente, tudo vale no vale-tudo!

Contexto de desigualdades

Confusão por todo lado,
maniqueísmo mesquinho,
e o povo aceitando calado
as similitudes de um ignaro.

Apesar da inércia prevalente
resta resistência persistente
com atávica crítica consciente
contra essa malta onipotente.

Apesar de desejar-se Nêmesis
para temperar nossa vingança,
roga-se pela interseção de Têmis
ênfatizando a busca pela justiça.

Viver tais dilemas existenciais
deixa cicatrizes conceituais
em nossa noção de legalidade
neste contexto de desigualdades.

[Nêmesis, deusa da mitologia grega, filha da deusa Nix, vivia no Olimpo, criada ao lado da deusa Têmis. Com o passar do tempo, Têmis passou a personificar a justiça e a ética, enquanto Nêmesis personificava a vingança.]

Renascer da verdade

A estrela vívida, brilha,
renasce no horizonte!
Efervescente sol, resplandece
dissipando a névoa e a noite.

Nesse horizonte que se forma,
o novo despertar conforma
a esperança compartilhada
por velhos e novos camaradas.

O florescer de amizades forjadas,
por ideais e almas calejadas,
é a base desse renascer.

A realidade, no alvorecer do sonho,
reforça a certeza na força da verdade
ao acordarmos de trevoso sono.

A Terra plana emborcou

A Terra plana emborcou!
Sem rumo, fora do prumo,
vagava no vazio da inconsciência
sem apoio da verdade, da ciência.

Em choque com a realidade,
colidiu com intensidade
contra os fatos e a história,
reavivando factível memória.

Ao fim de um ciclo turbulento,
renovam-se as esperanças,
restaurando-se as crenças
em novo período de alento.

Espera-se que o geoide, Terra,
reafirme sua órbita solar,
fiando serenidade à atmosfera,
sem tempestades a trovejar!

Observa-se o horizonte curvo
almejando-se circum-navegações,
que afastem o passado turvo
de nossas futuras aspirações!

Moucos da realidade

Ter certeza sobre tudo
é a maior virtude dos tolos,
gerando movimentos soturnos
com decrépitos atrás de louros.

Potestades de incompreensão
acreditam na própria certeza.
Adeptos de ilegítima convicção
propalam teses de pura avareza.

Em onisciente mesquinhez,
afirmam com alienada altivez:
se a verdade nos contempla,
por que ouvir os outros?

Essa é a lógica dos moucos
da realidade, sem razão!
Infelizmente não são poucos
e reagem sem provocação.

A natureza confronta

Um casal de andorinhas,
com jeito apressado,
voava para todos os lados
buscando gravetos quebrados.

Arquitetando sua moradia
com destreza e harmonia.
Leve e sublime jeito de estar,
sonhando em viver e criar.

Tal fidelidade nos aponta,
que na união crescemos.
Uma verdade que afronta
as inseguranças que vivemos.

Aprendizado que nos confronta,
pois, esquecemos de divagar,
aproveitando para contemplar
aquilo que a natureza apresenta.

Sem ser rebuscado

Amar com a convicção
que a pura emoção
envolva o nosso viver
com tempero de querer.

Sonhar versos da canção,
corrompidos pela paixão
de nosso intenso conviver,
temperados por leve sofrer.

Ingênuos versos de rimar,
migalhas dessa comunhão,
que nos une além da solidão.

Enfim, poema revelado,
sobre o verdadeiro cantar,
sincero, sem ser rebuscado.

Fragilidades

Uma fina casca
envolve nossa vida.
Frágil, se parte em lascas
e sem aviso é rompida!

Expondo erros e falhas,
como fissuras, ávidas
a demolir muralhas,
que pela inépcia são erguidas.

Lapsos se acumulam
e, reunidos em trincas,
tendem a romper em pedaços.

Cacos se espalham
e, sem suscetibilidade,
expõem nossas fragilidades.

Olhar blasé

Olhos, com olhar blasé,
observam entediados
o movimento do entardecer
com seus brilhos esfumados.

O ocaso se dispõe à mercê
de tal cerimônia, equilibrado,
consciente do esmaecer
de outro dia interrompido.

Virtuosas e viciosas sensações
entrelaçam novas emoções
com renovadas comoções.

Memórias aturdidas, perdidas,
atiçam amores e dores esquecidas
no crepúsculo de mais um dia.

Nasce para a humanidade

Nasce, contra a adversidade
a favor da coexistência,
de viver a humildade,
de conviver na experiência.

Nasce, com a claridade
da estrela de excelência,
guiando reis à caridade
e desvalidos à indulgência.

Nasce, pleno, na simplicidade,
sem luxo, sem opulência,
entre animais, em fraternidade,
na manjedoura com eminência.

Nasce, para a humanidade,
com delicada leniência,
em paz, com serenidade,
vive uma vida de complacência.

Nasce, humano, divino, em unidade,
religado à celestial consciência
e permanece, com perenidade,
indelével, em nossa existência.

Novo ciclo a viver

A vida se desenvolve
em ciclos cadenciados,
unindo o que lhe promove
em fatos encadeados.

Ciclos virtuais envolvem
princípios, meios e fins
que se desenvolvem
no tempo, em atos afins.

Contar ciclos, não conforta,
faz a vida escoar no abstrato,
de fato, o que importa
é viver o tempo, em atos.

Expectativa ressurgue, abre a porta
de um novo ciclo a viver, em atos,
expondo a vida que nos confronta
com suaves e intensos impactos!

Ídolo eterno

Venerado por seus fãs,
imortalizado por seus lances,
na vida, contido, sem afãs,
no campo, cheio de nuances.

Com seus dribles atinge a meta,
na busca de sutil harmonia,
com sua cúmplice, completa
tal momento com euforia.

O campo é seu palco, seu reino,
o encontro com sua inspiração
e, na chuteira, pulsa seu coração.

Agora, a história o envolve
e, em paz, sutilmente, sussurra:
Love, love, love...

Ventos da comoção

A nova realidade é guia,
a pulsar em nossa alma
com autêntica convicção,
que a rota para a alegria
inicia no porto da razão!

Novos ventos arejam,
novos focos iluminam
toda a comoção
guardada no coração!

Esperanças reconquistadas
com a certeza que verdades
não podem ser contestadas,
pois, tem estofo e sinceridade
como lastro da exequibilidade.

Novos ventos arejam,
novos focos iluminam
toda a comoção
guardada no coração!

Resgatando signos usurpados
por infundados desvairados,
buscando a paz corrompida
por turba alijada, perdida.
Refundando a nação aturdida!

Novos ventos arejam,
novos focos iluminam
toda a comoção
guardada no coração!

Estilhaços

Tristezas a fio
quando verdades triviais
transformam-se em desafios
intransponíveis, irreais!

Com certezas banais
e convicções irracionais
vive-se indefectível distorção,
em que nada tem solução.

Tudo compactua destruição,
onde, imorais gritando, sem razão,
depredam tudo, sem compaixão.

Execráveis dilapidam a nação,
estilhaçando seu coração,
exalando, apenas, ódio sem noção.

Conhecer-nos

Somos todos,
a soma de todos,
um pouco de tudo!
De fato, contudo...

Somos um,
a sobra do que foi,
parte do que será!
De fato, contudo...

Somos muitos,
o produto de vidas,
vivas ou devidas!
De fato, contudo...

Somos ninguém,
a sombra do que fomos,
luz do que seríamos!
De fato, contudo...

Somos alguém,
a opinião sobre algo,
dúvida sobre tudo!
De fato, contudo...

Somos nenhum,
a subtração da solidão,
acessão do vazio!
De fato, contudo...
Quem somos?

Perseverança indígena

Exuberante, verde mata,
de guardiões primordiais,
se preserva, não se mata,
e resguarda certezas originais.

Terra e cultura unidas
por ritos, mitos e verdades
com divindades consagradas
a sonhos míticos e realidades.

Tais diálogos, com seres da floresta,
provocam assertiva sensibilidade,
que sutilmente a todos apresta.

Tradições unem Povos originários,
religam, reatam elos em sincronia,
reafirmando persistente galhardia.

Rumo ao consenso

Acreditando conviver,
isto é viver com,
denota-se uma questão:
como aquiescer,
sem perder a razão?

Aceita-se, então,
apenas conceder,
sem a compreensão
da busca pelo entender,
apenas, abre-se mão!

Colhem-se cobranças
procurando sentido
em perdidas promessas
de adulterado significado,
por convívio obliterado.

Aguarda-se, com esperança,
que a convicção da certeza
guie o destino dessa aliança
rumo ao consenso com firmeza,
pois, o que nos separa, já nos alcança!

Iemanjá das águas

Um rio de gente
carregando sua imagem,
saudando a passagem,
para águas solenes.

Rasgando a paisagem,
arrasta ímpios corações
para além da mensagem,
no fluxo das conversões.

Reflexões da rainha a guiar,
a iluminar variadas emoções,
com a clareza das convicções.

Guiando antigas constrictões,
com alegria e harmonia,
para fora do porto das razões.

Permutando a angústia

Névoas me envolvem,
turbam minha visão
e a enviam para além,
de inabalável razão.

Correntes me aprisionam,
travam minha vontade
e a transferem para o vão,
do poço da insanidade.

Busco razões na confiança,
conjurando novas alianças,
para lutar pela esperança.

Encontro ponto de inflexão,
onde permuta tal angústia,
com a convicção da serenidade.

Suplantando a letargia

Letargia, a morte da destreza,
se apresenta monolítica,
bloco de dúvidas e incertezas,
ancorada à caótica sinergia.

Para superar a estática inércia,
agora atrelada ao desalento,
torna-se basilar vencer a inépcia
e, então, reiniciar o movimento.

Hesitantes, os passos iniciais
se rendem ao vigor do caminhar
e à cinesia no ato de buscar
rumo em inexplorados canais.

Por fim, ao acelerar a caminhada,
rompendo a posição de inércia,
supera-se o sentido de derrocada,
suplantando a ríspida letargia!

Carnaval de plumas

Explode a folia de cores
entre lantejoulas e purpurinas!
O vai e vem dos beija-flores
agita as flores bailarinas.

Na cadência da batucada
a altiva ala da passarada
se apresenta em revoada
com suas abstrações aladas!

Um belo casal de sabiás baila
e agita a bandeira da escola.
Enquanto a emoção decola,
a vida, da realidade, se descola!

Intensas plumagens coloridas
adornam fantasias preferidas
contando a história mais querida
de uma existência merecida.

O desfile segue na passarela
deslumbrando a floresta.
Com alegorias em aquarela
encanta, mas também protesta!

Muxarabi

Por detrás da treliça
da sacada velada
escondia-se a donzela
reprimida, enclausurada.

Através de rasgos e ranhuras,
pelas frestas na estrutura,
construía seu universo
com sombras e reflexos.

Tal arquitetura opressora
omitia os folguedos de rua
da jovem em sua clausura,
apesar de sua flama inspiradora.

Com imagens fragmentadas
vivia, sua vida, em contida
tela com fugazes pinceladas
de uma realidade perdida.

São clausuras a serem rompidas,
facultando acesso às Informações,
libertando almas reprimidas,
rompendo treliças de corações.

Casa-grande empresarial

O capitão do mato de então,
performando, terceirizou-se!
Hoje gerencia grupo de desvalidos,
em trabalho análogo à escravidão.

Oprimidos pelo gerente capataz,
colhendo frutas, vivem do infrutífero
fruto de seu trabalho estéril
e sobrevivem à dura rotina sem paz.

Sem condições, dormem ao relento!
Enquanto sofrem seus desalentos,
são escravos de ganância imoral.

Conivente, a Casa-grande empresarial
admite, de forma nada original,
escravizar em favor do lucro amoral.

Indébita apropriação

Sendo indébita a apropriação,
oclusa explícita sonegação,
enquanto celerados sem noção,
admitem, apenas, ilícita caução.

Joias, fazendo-se propina,
ofuscam brilho que não combina!
Joias, convertendo-se barganha,
atufam bagagem. Quem ganha?

Diamantes são eternos?
Encobertos pelo sangue,
extinguem quem os extraem!

Clivados, são regalos de gangues,
em seus bem cortados ternos,
que sem recato, os subtraem!

Tempo real

Vive-se o tempo da velocidade.
Tudo posto a nossa disposição,
talvez, até sem necessidade,
consome-se tudo de supetão.

A vida devorada em tempo real,
sem folego para digestão,
não permite análise crucial
ou a mais banal reflexão.

Corre-se para expor uma opinião,
sem maturidade ou autoridade.
Não importa a verdade, pura ilusão,
busca-se, apenas, notoriedade.

O tempo, que escraviza a análise,
também enviesa a percepção,
esvaziando-a do brio da realidade,
transmutando crença em razão.

Vive-se a epidemia da hiperexposição!
Convictos da popularidade instantânea,
empurra-se precária informação,
como paga pela fama momentânea.

A saudade de lembrar

Sofro a saudade de lembrar
o que perdi no esquecimento,
ao caminhar, sem olhar o mar,
sem contemplar o soprar do vento.

Recordo os passos do caminhar,
apressados, sem questionamento.
Sofro a saudade de lembrar
o que perdi no esquecimento.

Lembro de seguir, sem pensar,
atrás dos afazeres do momento,
sem tempo ou paciência para notar,
não via o todo, apenas fragmentos.
Sofro a saudade de lembrar!

Arritmia

A batida marca o ritmo,
apesar de fora do compasso
acelera atordoado passo,
que pulsa descompassado,
encobrimdo anseios do coração.

Ouço pássaros livres a cantar, na janela,
enquanto aguardam doce fruta,
regalo por sua grata labuta.
Choro, quando cativos por tramela,
cantam no descompassado ritmo do coração.

Entre metáforas e hipérboles
observo o ritmo que levo.
Não busco a consonância,
pois, convivo com a dissonância,
na arritmia do meu coração.

Anoitecer

O enegrecer do nanquim,
na tela de papel de linho,
esconde traços, carmim,
do traçado do caminho.

O anoitecer derrama tintas,
que borram o fim de tarde.
Não importa o que sintas,
tinge o sol, que ainda arde.

Pinceladas, marcam o horizonte,
com névoas de sonho em prata,
da noite que surge inata.

Ao adormecer da euforia,
surge a eterna harmonia
do escurecer da tela do dia.

Renasce para conceder

Em um quase amanhecer,
tem-se o mover de rochas.
Momento de divino ser
superando todas as provas.

Renascendo para conceder
a paz em sua gentil presença
e a glória a quem conceber
confiar em sua esperança.

Admire-se o alvorecer
com a certeza na perseverança,
que faça a verdade florescer
em um mundo de bonança.

Creia-se no benquerer,
banhado pela serenidade
de uma nova vida a viver,
na convicção da eternidade.

Rogue-se pela dignidade de ser
e de viver a existência, sem pechas,
buscando a cordialidade no conviver,
em paz, apagando todas as mechas.

Tese aberração

Contraditar tese desqualificada
parece fácil argumentação,
mas é tarefa precificada,
pela infame enganação.

A crença na convicção amorfa
pode e deve ser questionada,
como alarido de difusa galhofa,
pela desinformação empapelada.

Colagem de ilusórias convicções,
como se nirvana fossem,
sem receios ou condições,
com imagens fixadas em totem.

Hipóteses falsas ou distorcidas
geram análises corrompidas,
como viés de confirmação,
de qualquer tese aberração.

Fibras seccionadas

Quebra de vínculos
traz consigo sentidos
desconexos, corrompidos,
desfazendo laços antigos.

Fibras seccionadas
tornam vidas desconectadas,
com sensações desligadas
por informações perdidas.

O vão da desconexão
rompendo fibras do coração,
restringe elos da emoção
a reles viver, apenas são!

Reatar, religando o falar,
revoga o impor do calar
e denota que o fato de conectar,
precede o ato de comunicar!

Apenas uma amendoeira!

O ruído insistente de serra,
ao devastar os veios, encerra
a sombra de longeva amendoeira,
que, impávida, suporta a poeira,
enquanto seu tronco se desfaz.

Altiva insiste, mas não resiste
à devastação que persiste,
até ser despida de seu vestido,
desnuda de ramos, folhas e estilo,
sendo abusada sem paz.

Grande provedora de tranquilidade,
contrapondo-se à intensidade da cidade.
Sob suas folhas, na sua sombra,
tal generosidade a todos assombra,
proporcionando suave calma eficaz.

Em conluio com devoradora urbanização
degola-se seres frondosos, sem comoção,
pois, lógicas de mercado encobrem,
abstratas empáfias que distorcem
a efetividade de ação ambientalmente capaz.

O papagaio e o saxofone

Entre notas roucas surgia uma melodia,
enquanto a música se desenvolvia,
atentamente, aquele papagaio ouvia,
saboreando-a ávido por tão pura harmonia.

Como severo crítico, bastava um desafino,
uma nota fora daquele ajuste-fino,
para tal personagem iniciar a taramelar
e, se julgasse a falha grave, saísse a voar.

Com extrema paciência, o saxofonista
buscava convencer seu crítico contumaz,
com fruta predileta para, então, tocar em paz.

Saxofonista e papagaio compartilham,
como personagens, de deletéria realidade,
onde crítico e criticado vivem em tácita cumplicidade.

Eclipse do Cometa (Rita Lee)

Cometa de cauda rubra
perde-se no infinito profundo.
Na sua passagem se vislumbra
sensíveis mudanças neste mundo.

Causa de sutis e radicais impactos,
sua presença única e reluzente,
pactua contra todos os pactos
e segue seu rumo sem precedente.

De súbito seu eclipse aconteceu,
agora brilha em outro planeta,
arrastando todos até seu apogeu.

Como impacto da tal mudança,
o que fica na lembrança da memória
é o luminoso rastro de sua trajetória.

Decadência

Conceitos supostamente consagrados,
rumam à decadência, sem elegância.
Sobrepondo-se a essa visão ofuscada,
explodem conceitos não encaixotados.

A tradicional concepção eclipsada
regurgita dogmas em enxurrada,
mas em qualquer momento crucial
o que importa é a emoção gutural.

Sentimentos oprimidos anseiam por explodir,
porque verdades semeadas precisam eclodir,
em realidades que necessitam coexistir.

Reunindo tribos, assumindo a complexidade,
dá-se espaço, à criatividade com a diversidade,
sem decadência, apenas com elegância!

Não lugar

Contemplamos nossa existência,
convictos de vivermos
plenos de sã consciência,
certos do lugar que ocupamos.

Com o tempo, apesar da insistência,
detalhes afluem como sismos
demolindo conceitos de querência,
expondo, realmente, onde existimos.

Negamos lucidamente a demência
de placidamente compartilharmos
onde perdemos nossa essência.
Fingindo resiliência, sonhamos.

Com a vida expondo o fim da inocência,
logo do nosso lugar nos perdemos,
pois, vivemos a eterna impaciência
de estar onde, apenas, sobrevivemos!

Pelo buraco da chave

Ao contemplar a realidade
mediante ótica limitada,
perde-se a credibilidade,
pois, a certeza é eclipsada.

Preconceitos, pelas gretas,
são observados disformes
e, assim, odiosas facetas
são perdoadas incólumes.

Ao distorcer a verdade,
com tal visão bloqueada,
aceita-se vulgar insanidade,
como desculpa esfarrapada.

Esfaceladas, fluem hipocrisias,
através do buraco da chave,
que reforçam idiosincrasias,
sem ter a moral como lacre.

Memória rocambolesca

Rocamble é um doce,
simples, sem complexidade,
talvez, como se maná fosse,
em lembrança de tenra idade.

Memória rocambolesca, afetiva,
reminiscência inverossímil
de retórica, apenas, adjetiva,
que recorre à saudade pueril.

Registro, pelo tempo, alterado,
enquanto emula esquecimento,
desenvolve sentido desfocado.

Significante, sem um significado,
transforma antigo sentimento
em desejo de reviver o passado.

Partes

Compartilhar partes
de um coração partido,
resgata antigos apartes,
sem nenhum sentido.

Se o conviver foi perdido,
não adianta persistir,
pois, não é concedido
reatar o que foi rompido.

Rupturas não são ranhuras,
apenas convicções quebradas
em relações inseguras,
como favas bem contadas.

Não dá para viver a colar
pedaços na busca do todo.
Não vale ficar sem ar,
propondo algum retorno.

Novos laços a entrelaçar,
inéditas relações a construir,
sem lamentos para lembrar,
apenas vidas inteiras a unir.

Rock clássico

O Rock torna-se clássico,
o tempo doma rebeldias,
a fama rompe ideologias
e dilui o sarcasmo ácido.

Sensos, constructos vitais,
se perdem na jornada,
assim como jovens ideais
são contidos na calada.

As paredes derrubadas
ficaram pelo caminho,
mas as pressões listadas
continuam no escaninho.

Cabelos esbranquiçados,
esmaecidas vozes roucas
gritam refrões aguçados,
mas sussurram notas turvas.

Rock, abstraído, é eterno.
Tal abstrata longevidade,
para além de toda idade,
renasce após cada inverno.

Palavras revidam

As palavras revidam,
com alguma suavidade,
sem mudar o tom,
na régua da realidade.

Barram onda massiva
de ilações desconexas
que, na forma passiva,
reafirmam-se ineptas.

Ativistas frasais, textuais,
incisivamente, articuladas
em poemas factuais,
expõem verdades esfoladas.

Axiomas enevoados,
por falsas convicções,
devem ser contextualizados
com palavras em emoções.

Palavras marcam a verdade
com gramática incisiva,
quando reagem à leviandade
em eloquentes assertivas.

Distorções midiáticas

Ao afamar campanha de consumo,
em difusa produção midiática,
impõem-se reflexões sobre o prumo,
buscando prudência na empáfia.

Ao alterar cinicamente a verdade,
tentando reinventar emoções,
para vender versões da realidade,
quebram-se lembranças e convicções.

Ao adulterar vigorosas mensagens,
divulgando hipocrisias, a pretexto
de desconstruir antigas imagens,
formata-se malfazejo contexto.

Ao usurpar memórias icônicas
em profanos projetos midiáticos,
constroem-se relações lacônicas,
sobrepondo-as a valores éticos.

Ao separar personagens de suas vidas,
usurpando histórias e conquistas,
corrompem-se lembranças queridas,
ferindo-as na calada da noite perdida.

Assim, transmutam-se antigos contestadores,
em garotos-propaganda, sem pudores!

Vendaval

Vento, vendaval, ventania
irrompendo em vis torrentes,
atinge os mais carentes,
com toda a sua energia.

Turbilhão arrastando vidas,
em rajadas e ondas a imolar.
Esperanças e sofridas conquistas
perdidas nos movimentos do ar.

Discursos e promessas vazias,
atos e ações sempre por fazer.
Agora, apenas, orações são primazias.

O vento vai, o que restou fica.
Nada se faz, tudo se explica.
Mas, na verdade, nada se justifica!

Idílico e lúgubre

Manto roto encobre o concreto,
enquanto cerra a densa noite,
derramando breu, por decreto,
rompendo o dia como uma foice.

Oníricas imagens, ao brotarem no sono,
inundam a imaginação de acuidade,
compondo memórias em sonhos,
decompondo as regras da realidade.

Devaneios habitam signos noturnos,
preenchendo intermináveis minutos,
com sombras de vultos soturnos.

Descortina-se idílico e lúgubre perceber,
envolto nesse manto esfarrapado,
que já permite antever renovo amanhecer.

Ciclo

O candeeiro suavemente se apaga,
enquanto na janela o sol aguarda
a intensa fuligem dissipar-se no ar,
para o provável alvorecer recomeçar.

Discretamente o amanhecer desponta,
colorindo campos, matas e encantos.
Enquanto a incerteza nos confronta,
a esperança banha antigos prantos.

Desenvolvendo lustroso resplandecer,
o dia extrapola em matizes de cores,
até perder-se em lento esvanecer.

Surgem languidas manchas escarlates,
envolvendo o intenso azul-celeste,
como manto roto, verdade incontestes!

Partida fragmentada

Sentindo a ruptura da partida,
parte-se com o coração partido,
perdido, em pedaços sofridos
na eterna agonia da despedida.

Partes ficam e aguardam a volta,
na certeza de um novo encontro.
Sem dúvidas ou inócua revolta,
sentidos anseiam pelo reencontro.

O todo sutilmente fragmentado
anseia pelo retorno da integralidade
na força do abraço tão aguardado.

Enfim, chega o momento esperado,
partes ansiosas retornam ao todo
que explode todo o sentir guardado.

Luz do irreal (Rondel)

Branca luz divide-se colorida, em meu sonho,
enquanto a imaginação se conecta ao irreal.
Através do sono, talvez dormindo, suponho,
anseio pela ponte para além do real.

Não existe fórmula certa, fujo do enfadonho,
busco algo fantástico, na aurora boreal.
Branca luz divide-se colorida, em meu sonho,
enquanto a imaginação se conecta ao irreal.

Entre devaneios perco-me em mundo medonho
distante de qualquer sinal de insanidade cordial.
Preso a dissimulado ritmo, ao qual me contraponho,
observo transmutar a luz alva do imaginar imaterial.
Branca luz divide-se colorida, em meu sonho!

Aperto profundo

Um aperto profundo, inquestionável.
Uma mágoa persistente, indecifrável.
Um mundo irreconhecível, nada afável.
Um caminhar em busca do inalcançável.

A sensibilidade deslocada da realidade,
afia pensamentos desconexos com o agora.
Apesar de conviver inexorável positividade,
opta-se pelo fatalismo, que esfola.

Sentimentos nebulosos permeiam nosso ser
fazendo-nos, convictamente, crer
na existência do abismo do não ser,
forçando-nos a crença do eterno padecer.

Sem respostas, busca-se em lapsos passados,
saberes à deriva, a serem ponderados
na balança das experiências vividas,
como contraponto às agonias auferidas.

Sem hora, a interação passada e presente
leva-nos a uma realística consonância,
balizando o afrontar às dúvidas latentes,
enquanto harmoniza percepção e angústia.

Beijo morno

Terno vento quente acariciava,
suavemente, e moldava as flores.
Papel rosa crepom a tudo ornava,
embrulhando folhas em rúbeas cores.

Inflorescências de flores crespas,
onde onírica paleta, explodia em tons.
O branco, em díspar composição,
pintava-se rosa e vermelho coração.

O que interessava era a poesia,
mas, decerto, a brisa roubava a harmonia
balançando folhas e flores em heresia.

Beijava o rosto, envolvia a alma,
entorpecendo o todo, sem pressa,
sussurrando, mansamente, calma.

Escribas de sofismas

Voraz vórtice de fluidas verdades,
de suas entranhas surgem escribas
a amealhar em tábulas, hipocrisias veladas,
expondo-as segundo vis vontades.

Negando convicções sobre fatos
observam a realidade por seus prismas
distorcidos pelo viés de artefatos
construídos com impróprios sofismas.

Regurgitam farsas, como se arautos fossem.
Carreiam enxurrada de desinformação
em onírica louvação a um duro coração.

Permutam nacos de confusão por ilusões.
Enquanto performam falsa credibilidade
iludem desalentados sem piedade.

Anomia do nada

Compartilho, como graça,
veras que recebi de graça,
pois, não percebo graça
em viver sob mordaca.

Palavras devem ser lavradas
com indignação e não bravatas,
pois, o discurso marca ou grava
com a convicção que agrava.

Percebo, com atônita ironia,
a fácil escolha pela anomia,
em diálogos vazios, sem empatia.

A ausência de convictos ideais,
torna-se marca dos debates atuais,
onde trivialidades fluem, como ideias.

Arrastão do falastrão

Fala por falar.

Não sabe o que diz.

Apenas solta seu ar,
em cada frase se contradiz.

Quando argumenta,
apenas se escuta.

A soberba aumenta,
rompe até a norma culta.

Confunde palavras e fatos,
em erudita incultura.

Recita argumentos ineptos,
sem convicção, com incúria.

Tal, fleuma narcisista
expõe as fragilidades
de seu pensamento niilista,
impregnado de inverdades.

Mas, sua risível convicção
captura insanos e incautos,
além das almas de impolutos,
enredados em seu arrastão.

Ao vento solar

Navego neste exíguo barco alado.
Iço velas solares, ao vento,
buscando meu destino fadado,
no horizonte que não contemplo.

Observo a onda solar, no tempo,
presa na planetária brisa,
banhando o mundo em desalento,
enquanto lentamente desliza.

Ainda, em perene translação
singro pelo profundo vazio,
a procura de redenção,
para meu diário desvario.

Em cotidiana rotação milenar
reconheço habitual ilusão,
mas, rendo-me, sem intenção,
ao intenso vento solar.

Hábitos atrozes

Somos seres de hábitos.
Cerceados por contradições
habitamos nossos hábitos,
como devotos sem constringências.

Causticamos sem concessões.
Somos implacáveis, perdidos,
isolados em conjurações,
cerrados em corações irados.

Flagelamos sem condições.
Seguimos impunemente, guiados,
presos a coléricos grilhões,
por tirânicos bárbaros.

Lancinamos sem emoções.
Convictos dos nossos méritos,
certos de nossas convicções,
destruímos, somos ineptos!

Somos seres de hábitos.
Habitados a destruições,
acatamos atrozes ritos,
em nome de crenças e convicções.

Aspirar à Paz

A Paz, apesar de utópica,
continua vital como o ar.
Muitas vezes caótica,
mas, é preciso respirar!

Conviver é confirmar,
além da aura eólica,
a necessidade de aspirar
à Paz, não como retórica!

Devotos precisam acreditar,
nesse ecumênico sopro,
sem a imposição de um altar!

Simbólico, maximizado ou não,
tal, congregar é o único capaz
de reafirmar o desejo pela paz!

Metamorfoseando

Enfrentando ondas de tédio,
busco a metamorfose da vida
para sobrepujar eterno enfado
de uma melancolia absorvida.

Em abrasador redescobrir,
sorratamente ligado,
percebo a necessidade de sorrir,
diluindo o foco no inalcançado.

Consumindo doses de criatividade,
invocando a êxtase da imaginação,
afasto-me do mar de obviedades,
buscando-me em profícua imersão.

Mergulho na abstração da poesia,
metamorfoseando a realidade.
Com versos, estrofes em harmonia,
transcendo um viver de passividade.

A civilização tenta sobreviver

Como anjos e demônios,
civilização e Humanidade
compartilham desígnios
contrapondo verdades.

A civilização tenta sobreviver
no caudaloso rio da existência.
Vã Humanidade deixa-se perder
em dúvidas e tímida indulgência.

Sem humanidade, a civilidade,
anula-se em tediosos candores,
que encobrem falaciosos pudores.

Só a superação de medos e desprezos
pode humanizar e resgatar a civilização
do rio da incompreensão e contradição!

Folia de verão

Alvoroçadas maritacas
discutiam na janela,
debatendo suas querelas
entre afagos e bicadas.

Repartiam sementes,
entre gritos e gracejos.
Com diálogos impertinentes
bradavam seus desejos.

Com sutil cumplicidade
partilhavam grãos,
felicidade e diversão.

Enquanto conversavam,
o sol iluminava a encenação
anunciando um intenso verão.

Limiar

Percepção!

Um falcão, atentamente, observa
a formação da tempestade.
Embora voe com reservas
sofre pela sua proximidade.

Tensão!

Voando atento,
próximo ao limiar,
enfrenta vários sentimentos
por um vento a terminar.

Negação!

Tais instintos são sentidos
comuns a todos os viventes.
Sob a razão dissimulados,
mas, como ventos, sopram oniscientes.

Remissão!

O vento sopra, começa a chover.
Corruptela do real ciclo vital
ou apenas efeito colateral de viver
sob o designo da primazia do final.

Rios de canções

Uma canção toca a emoção,
brinca com a nossa razão,
carreando a sóbria realidade,
em rios de felicidades.

Embriaga nossos sentidos,
permitindo que sorrisos,
eternamente contidos,
extrapolem em rios de risos.

Banhando a dura verdade,
com esperançosa água,
em rios de ingenuidades.

Queremos ondas de sensações,
refluindo nossas tensões,
em rios de canções.

A dança da alma

Ouvindo animado Choro
chora-se com o dedilhar
de um bandolim choroso,
a deixar lembranças no ar.

Apesar de alheado sonhar,
criado por inquieto chorar,
percebe-se, na profundidade,
animado ato de protestar.

Criticando as mazelas sociais,
sob o manto de irônica poesia.
Rejeita-se todas as distopias,
na busca de almejada alegria.

O Choro toca e a alma dança,
nesse ritmo o corpo balança,
na noite, no boteco, na rua,
seduzido pelo eterno olhar da lua.

Desejos

Que a certeza prospere
em cada coração,
que a mensagem recupere
cada fustigada sensação.

Que a paz se dissemine
e seja a fundação,
que gentilmente implante
a esperada redenção.

Com a sutil convicção,
que um dia, um levante,
acabe com a desilusão
e estabeleça a verdade.

Com a certeza que a razão
ilumine-se com a sinceridade
e espalhe a força da emoção
por toda a eternidade.

A jornada contínua

Reinicia-se a translação!
Nada muda, na jornada contínua,
mas, saudamos, em comoção,
o retorno à eterna rotina.

Pulamos ondas, ofertamos aos orixás,
rezamos missas, adoramos santos,
oramos convictos, em prantos,
certos de que tudo mudará.

A esperança do recomeço
espraia-se nas areias das praias,
na expectativa do novo calendário.

Ansiosos pela sonhada mudança,
requentamos conhecida escrita,
resguardados pela perseverança!

Escravizado de ganho

Empreendedor roto,
servil a aplicativos,
vivendo o engodo,
do sócio interativo.

Mais-valia minimizada,
na certeza da anomia.
Vida terceirizada,
na crença da autonomia.

Sem meios de produção
não percebe aceder
a ilusão de ser patrão,
que acredita subverter.

Esta é a factual ardileza,
onde, o servo, em rebanho,
cativo, aceita com presteza
ser escravizado de ganho.

Ardor juvenil

Rebelde com ardor juvenil,
não percebe cada ardil,
que a vida lhe arma,
acreditando ser um carma.

A vida ceifa seus sonhos pueris,
com a foice da verdade,
expondo cáustica sinceridade,
sem lugar para um final feliz.

Acólito de podres rituais,
perde-se em opiniões banais.
Crendo em virtudes teológicas,
consome armadilhas tecnológicas.

Pela grandiloquência nas redes,
acredita em qualquer solução reles,
apregoadada por alienados alienantes,
apóstolos supostamente influentes.

Conserva valores que não viveu.
Anseia por acalantar o seu eu.
Saciando-se com falsos sentimentos,
vive sem verdade, apenas, iludido.

Desígnios da paixão

Buscando respostas no luar,
entrega-se em confidências ao mar.
Acreditando no reflexo do astro,
inebria-se em desejos sem lastro.

Sua razão, enevoadada pela paixão,
distorce os dias como eles são.
Vivendo fugazes delírios em vão,
precipita-se em nova efêmera relação.

O luar e o mar, em conluio, tingem,
com pálida insensatez, devaneios,
velados com as rendas que tecem.

Renovadas, tais delicadas vendas turvam
o senso de noção que não cativam!
Assim, consagram-se os desígnios da paixão.

Banzo: a dor de um povo

O banzo que rasga a carne,
dilacera a alma.

Queima contumaz e arde,
com sarcástica calma.

Reagindo a suplício covarde,
em cena sem palmas,
o banzo que rasga a carne,
dilacera a alma.

A paz chega mais tarde,
com sua bandeira alva,
mas, a tristeza que a encarde,
na verdade, não acalma,
o banzo que rasga a carne.

Ritualização do querer

Nem tudo depende do querer,
mesmo, na cadência do discurso.
Sentir, sonhar ou sofrer
não admite usar tal recurso.

Nada ocorre apenas por crer.
Ao longo da longa jornada,
andar, caminhar ou correr
não reverencia tal toada.

É palpável, a forma deforma
o espaço, que a conforma,
logo, o querer não importa.

O encanto está no saber,
não no querer ou no mito,
sequer no manto do arbítrio.

Os pesos das vidas

No mercado da existência,
vidas tem pesos diversos,
infelizmente, não há equivalência.
Umam supõem o peso do universo,
outras clamam por clemência.

O viver, sempre perplexo,
de certas resistências,
obriga alguns, a olhar no reflexo,
encarando as diferenças,
expondo intolerâncias sem nexo.

Observar as próprias chagas,
despoja mazelas e rancores,
rasga preconceitos e pragas,
a serem cauterizadas nas dores
do limiar de novas purgas.

Ao indagar convicções absolutas,
ancora-se o coração em virtudes,
que aquiescem pujantes lutas.
Finalmente, ao reavaliar verdades,
pesa-se com apuro as causas justas.

Na sagrada birosca

Naquela antiga birosca
servia-se encantaria.
Entre uma e outra aposta
a vida transcorria.

Apesar dos reclames declamados,
por bufões sem predicados,
a magia e os encantos
encontravam-se pelos cantos.

Ali, mandingas malfadadas,
em forma de prantos e quebrantos,
eram apaziguadas com goladas.

Da ferradura ao galho de arruda,
além da iluminada imagem do coração,
não faltava nada, nem figa, nem devoção.

O X da questão

Falava intensamente, sem parar,
acreditando no próprio discurso.
Sem fôlego, no seu ritmo, sem ar,
perdia a verdade no percurso.

Em cada frase, uma contradição
implorava por confirmação.
Toda parca adulação o empolgava
e confirmava soberba convicção.

Enquanto apregoava inverdades
tropeçava em cada oração.
Buscando endosso para obviedades.

Falseava, escamoteava a toda hora.
Mas, a verdade ressurgia, sem mora,
como gato escondido com rabo de fora!

Na palma da mão

O trem parte da estação,
deixando a memória
da partida, na emoção,
da plataforma inglória.

Ouço o ruído distante
a ecoar por um instante.
A imagem longínqua
desbota-se na retina.

Reflito, por um momento,
o instante que contemplo.
Inspiro lembranças no ar
que sofro ao resgatar.

Idilicamente, tento rimar:
amor com beija-flor,
verdade com sinceridade,
felicidade com eternidade.

Toco a palma da mão,
sinto as marcas do tempo,
sigo, em vão, a linha da vida,
evocando rimas ao vento.

Coquetel sem paixão

Em qualquer mesa de bar,
atrás de cada gole,
momentos para lembrar,
que a realidade não é mole.

Na troca de palavras por saliva
meias-verdades são engolidas
para deleite de hipócritas,
que regurgitam falas pretéritas.

A hipocrisia é a nova virtude,
como uma simples opinião,
sobrepujando a verdade,
servida sem gelo ou precisão.

Sorvida em plena alienação,
inspira coquetel sem paixão.
Sabor amargo de digerir,
em dose de realidade a ingerir.

Eterno clamar

O mar, em seu eterno clamar,
quebrava inquieto e ruidoso,
nas rochas nuas pela baixa-mar,
rogando pelo pôr do sol vaidoso.

Com impetuoso ritmo candente,
bradava por manto estrelado,
ornando o breu do poente,
em céu de horizonte agosto.

Enquanto estrelas se comoviam,
o oceano revelava seu pranto
ao universo, onde elas evoluíam
em um véu de acalanto.

Tal sonho desfiava anseio noturno,
apesar do intenso brilhar,
aguardando pelo raiar oportuno
do impetuoso astro solar.

Cacos

Operário, operante, operador.
Empregado, onipresente, trabalhador.
Proletário, incoerente, colaborador.

Cacos de vidro em vão,
quebrados sobre o muro,
deixam rasgos na mão.
Socos que esmurram,
tentando pular tal opressão

Vida separada, segregada.
Verdade contida, rasgada.
Esperança silenciada, reprimida.
História esquecida, perdida.
Cacos de vida que se vão.

Da labuta sobra apenas a luta.
Pedaço de convicção pura,
que não consola, nem cura.

Ramalhete egoico

Rosas metafóricas,
escondem altivez melancólica,
sob pétalas de insensibilidade.
Para além dos seus espinhos,
abraçam a intolerância, em cumplicidade,
com delirantes comezinhos.

Rosas caóticas,
de turbidez egoica,
questionam a veracidade
dos fatos sobre descaminhos.
Buscam a irracionalidade
de caminhantes sem caminhos.

Rosas psicóticas,
de insensatez eufórica,
estimulam intensa arrogância.
Rompendo, com seus espinhos,
camadas de tolerância,
turvam possíveis carinhos.

Rosas despóticas,
de pequenez retórica,
sob intensa falsidade,
buscam a sinceridade no despetalar,
dos fatos, dispersos, sem ar,
impondo, assim, rasas verdades.

Gaveta de placebos

Em sua longa jornada,
uma lágrima de suor
escorria assoberbada
sobre dorso castigado
pelo tempo, sem pudor.

Em sua gaveta de placebos
esquadrinhava paliativos
para sanar constrição
de sentimentos aflitivos
e calar a dor do coração.

Em seu inquieto sonhar
procurava solução
para intenso soluçar,
preludio de qualquer palpitação,
que descompassasse seu caminhar.

Em verdade, apenas, buscava
a paz que não encontrava.
Apenas desejava
a cura da angústia
na paz que ensejava.

Nostalgia compulsória

Alegoria de retorno
a um passado que não existiu
buscando um pouco de conforto,
onde a letargia não eclodiu.

Ingênuo recordação da candura,
expia-se na realidade,
convicta da impunidade
de toda inverdade impura.

Disforia em onírico versar,
sobre falácias de tempos iluminados,
na crença em relatos infundados
dissimulados em antigo tergiversar.

Pungente memória imatura,
resgatada impune, não purga,
nem com doses de Angostura,
momentos vividos na impostura.

Lembranças sinceras importam,
pois, guardam memórias afetuosas
de vivências a acalantar,
que a nostalgia não pode maquinar.

Venturosa verdade

O ruído expulsa o silêncio
na demolição da convicção.
Farsante, impõe seu ofício,
sem dó ou sofreguidão.
As notas parecem desconexas,
mas interagem com insanidade,
desconstruindo frases perplexas,
no ritmo da sua necessidade.
Disputar a realidade com iniquidades
torna-se desafio retórico,
pois, fatos já não calam inverdades
e sinceridade não convence o egoico.
Mas, em momento de impoluta emoção,
silenciosamente a verdade renasce,
carreada pela convicção e determinação.
Sem dúvida ou mágoa, não aquiesce.
Enfim, tão autêntica quanto sensível,
floresce, com sua certeza de ser.
Expondo-se como artífice impossível,
na árdua missão de convencer.